

Carlos Mateus Possamai Della

**A IGREJA COMO LUGAR DA EXPERIÊNCIA DE DEUS À LUZ
DA *LUMEN GENTIUM* E DA *GAUDIUM ET SPES***

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Vitor G. Feller

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

POSSAMAI DELLA, Carlos Mateus

A Igreja como lugar da experiência de Deus à luz da *Lumen Gentium* e da *Gaudium et Spes* / Carlos Mateus Possamai Della; orientador, Dr. Pe. Vitor G. Feller – Florianópolis, SC, 2019.
80 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referências:

1. Experiência cristã de Deus.
2. Igreja.
3. Vivência da fé.
4. *Lumen Gentium*.
5. *Gaudium et Spes*.

Carlos Mateus Possamai Della

**A IGREJA COMO LUGAR DA EXPERIÊNCIA DE DEUS À LUZ
DA *LUMEN GENTIUM* E DA *GAUDIUM ET SPES***

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 20 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Pe. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Pe. Vitor Galdino Feller
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Me. Pe. Ademir Eing
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Dr. Pe. Pedro Paulo das Neves
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Dedico o presente trabalho monográfico aos meus pais Rogério Possamai Della e Rita Maria Mateus Possamai Della e a minha irmã Karine Mateus Possamai Della.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me presentear com todas as coisas que tenho e que mais estimo: minha família, meus amigos e o dom da minha vida. Agradeço por me guiar e iluminar pelos caminhos da história, ensinando-me quais os essenciais valores da vida humana, bem como por ser a força para me sustentar, realizando sua vontade nesta missão.

Aos meus familiares, de modo especial meus pais Rogério Possamai Della e Rita Maria Mateus Possamai Della, por serem a base de minha vida e pela educação proporcionada até os dias de hoje. Por me ajudarem a moldar o homem que sou, além de estarem sempre ao meu lado nos momentos bons e também nos mais difíceis. Não poderia esquecer de minha irmã Karine Mateus Possamai Della, que sempre esteve e está ao meu lado.

Aos seminaristas do Seminário Teológico Bom Pastor que marcaram minha caminhada, pelos ensinamentos, pela paciência e a todos aqueles que depositaram esperança e confiança na minha pessoa. Igualmente, meus agradecimentos aos formadores (Pe. Oscar Paulo e Pe. José Aires), pelo constante apoio e preciosos ensinamentos.

Aos meus amigos, que me apoiaram durante este curso e me levaram a fazer grandes reflexões sobre o tema discutido neste trabalho, de modo especial a Antonio Hübner da Silva Preve e a Raiane De Pieri De Nez , amigos de longa data, por todo auxílio e parceria, não só neste curso, mas de modo especial na caminhada vocacional.

À Diocese de Criciúma, na pessoa de Dom Jacinto Inácio Flach e a todo o povo desta região, que reza e contribui para a formação dos futuros sacerdotes, aos quais quero, com a graça de Deus, servir por toda a vida.

Em especial, expresso aqui o agradecimento ao meu orientador Padre Vitor Galdino Feller, por toda a reflexão, paciência e orientação, bem como à Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC) e ao corpo docente do curso de bacharelado em teologia por todo o conhecimento ensinado.

“O cristão do futuro ou será místico, isto é, pessoa que experimentou algo, ou não será cristão.”

(Karl Rahner)

RESUMO

O presente trabalho, de caráter bibliográfico, busca compreender a experiência de Deus na Igreja à luz dos documentos conciliares *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*. Para tal, o trabalho fundamenta-se com argumentos de autores da área de teologia que tratam sobre a experiência de Deus e sobre os documentos conciliares, bem como dos próprios documentos do Concílio Vaticano II. O ser humano, em sua vida, pode vivenciar diversas experiências, entre as quais encontra-se a experiência com Deus. Entretanto, é possível perceber atualmente um certo desvinculamento entre a experiência de Deus e a Igreja. Deste modo, é necessário reconhecer de que forma a Igreja, no seu ser e no ser agir, se apresenta como lugar da experiência de Deus.

Palavras-chave: Experiência cristã de Deus. Igreja. Vivência da fé. *Lumen Gentium*. *Gaudium et Spes*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

At – Atos dos Apóstolos

Cor – Epístola de São Paulo aos Coríntios

Ef – Epístola de São Paulo aos Efésios

FACASC – Faculdade Católica de Santa Catarina

Fl – Epístola de São Paulo aos Filipenses

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje

ITESC – Instituto Teológico de Santa Catarina

Jo – Evangelho segundo São João

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja

Mt – Evangelho segundo São Mateus

Rm – Epístola de São Paulo aos Romanos

Tg – Epístola de São Tiago

Tm – Epístola de São Paulo a Timóteo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A EXPERIÊNCIA DE DEUS	19
1.1 EXPERIÊNCIA	19
1.2 EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	21
1.3 EXPERIÊNCIA CRISTÃ DE DEUS	24
1.4 IGREJA COMO CAMINHO PARA VIVÊNCIA DA FÉ	29
2 O SER DA IGREJA COMO EXPERIÊNCIA DE DEUS NA ÓTICA DA <i>LUMEN GENTIUM</i>	35
2.1 A IGREJA COMO MISTÉRIO	37
2.2 A IGREJA E A SANTÍSSIMA TRINDADE	41
2.2.1 A Igreja e Deus Pai	42
2.2.2 A Igreja e Jesus Cristo	44
2.2.3 A Igreja e o Espírito Santo	46
2.3 A IGREJA COMO POVO DE DEUS	48
2.4 A IGREJA COMO CAMINHO DE SANTIDADE	51
3 O AGIR DA IGREJA COMO EXPERIÊNCIA DE DEUS NA ÓTICA DA <i>GAUDIUM ET SPES</i>	55
3.1 O HOMEM E A IGREJA NO MUNDO ATUAL	57
3.2 A IGREJA E A VOCAÇÃO CRISTÃ	62
3.3 O PAPEL DA IGREJA	68
CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

Todos os homens, do nascer ao morrer, vivem as mais diversas experiências. Para que o homem tenha uma experiência é necessário que ele se relacione, e o ser humano é um ser de relações. Uma destas relações humanas é com o Transcendente; conseqüentemente o ser humano vive uma experiência com Deus que pode acontecer das mais diversas formas.

Para o cristão, o experimentar Deus acontece através da vivência da fé, que é individual, mas também comunitária, pois como o ser humano é um ser de relações, o relacionamento com Deus acontece também na comunhão com os irmãos da mesma fé. A relação com Deus é de extrema importância, pois por meio dela acontece o início, a perseverança e a continuação da fé.

Na atualidade vive-se um individualismo exacerbado, diminuindo a importância da vida em comunidade ou como rede de relações, priorizando o crescimento do que é individual sem o recurso do coletivo. Deste modo, até mesmo a Igreja pode ser esquecida como lugar da experiência de Deus. Contudo, a Igreja tem como finalidade ser o sacramento da união dos homens entre si e com Deus.

Diante disso, com o tema “a experiência de Deus na Igreja”, se quer responder à pergunta: de que forma é possível experimentar Deus na Igreja, segundo os documentos conciliares *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*?

Para responder a esta problemática, o presente trabalho tem como objetivo geral: compreender a experiência de Deus na Igreja à luz dos documentos conciliares *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*.

Para que esse objetivo seja alcançado o presente trabalho está estruturado em três capítulos, sendo que cada capítulo aborda um objetivo específico.

O primeiro capítulo tem como meta explicitar o que é a experiência de Deus, evidenciando a importância da Igreja enquanto lugar para a vivência da fé. Todo homem tem experiências. Elas são vivenciadas por cada um das mais variadas formas, pois podem ser de diversas formas. Dentro das inúmeras possibilidades de experiências encontra-se a experiência religiosa, onde abre-se a compreensão que o ser humano pode relacionar-se com um Ser Transcendente em sua concepção religiosa. Entretanto, na perspectiva cristã é preciso reconhecer que o cristão vive uma experiência com Deus, que envolve toda a existência do homem, e através da vivência de sua fé, que é dom de Deus. A Igreja, deste modo, apresenta-se como lugar, em comunidade e individualmente, para que se possa viver a fé cristã.

A Igreja, por muito tempo, foi definida principalmente como uma instituição hierárquica, preocupada somente com a sua estrutura. Com o decorrer dos anos, iniciou-se um movimento que resgatou a noção de Igreja como Povo de Deus, Corpo Místico de Cristo e Templo do Espírito Santo, evidenciando a necessidade do equilíbrio entre Igreja instituição e Igreja mistério. O auge desta reflexão foi o Concílio Vaticano II, pois neste a Igreja refletiu sobre si mesma e a sua ação no mundo, abrindo-se ao diálogo sem perder a sua identidade, percebendo a necessidade de voltar às fontes. Deste modo, este é o motivo da escolha pelos documentos do concílio Vaticano II, de modo especial a *Lumen Gentium* sobre a Igreja e a *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje.

No segundo capítulo, o presente trabalho busca reconhecer o ser da Igreja como experiência de Deus na ótica da *Lumen Gentium*. A partir desta constituição dogmática a Igreja retoma a concepção de que ela é mistério, portanto ela é sinal da presença de Deus. Deste modo, possui a missão de refletir a luz de Cristo. Ao mesmo tempo que a Igreja é mistério, fruto da santíssima Trindade, ela é entendida como povo de Deus, ou seja todos que fazem parte da Igreja por meio do batismo recebem dons e carismas e são chamados a viver a sua fé, a ponto de reconhecer que todos possuem uma mesma vocação, a santidade. Para viver este chamado divino é necessário viver a sua fé no Cristo.

Por fim, o terceiro capítulo tratará de reconhecer o agir da Igreja como experiência de Deus na ótica da *Gaudium et Spes*. Esta constituição pastoral abre as portas e lança a Igreja em relação com o mundo, ou seja, os cristãos que querem viver a sua fé, experimentar Deus, não o fazem individualmente ou excluídos do mundo, mas precisam eles estar inseridos na história e vivenciando as preocupações do mundo. Deste modo é necessário assumir uma vocação cristã, colocando em prática os ensinamentos de Cristo. A Igreja ilumina os passos dos homens pela interpretação e atualização das questões atuais sob a luz do Evangelho.

Esta pesquisa, de caráter bibliográfico, se mostra relevante para o tempo atual, pois há um aumento de homens e mulheres que não veem na Igreja o lugar para a experiência de Deus e acabam por procurar viver esta experiência de forma individual ou até mesmo criando certo sincretismo religioso para satisfazer a busca humana por Deus. Outra relevância é devido à relação com o Vaticano II, um acontecimento na Igreja que ainda tem muito a repercutir e ser colocado em prática. Deste modo, é preciso compreender o que a Igreja tem a dizer sobre si mesma em relação à possibilidade da experiência de Deus, já que Ele é o centro da vida humana e da Igreja.

1 A EXPERIÊNCIA DE DEUS

Para o desenvolvimento do presente trabalho este capítulo buscará explicitar o significado de experiência de Deus, evidenciando a importância da Igreja enquanto caminho para vivência da fé.

1.1 EXPERIÊNCIA

Em primeiro lugar é necessário entender o termo experiência, de maneira geral, tendo em vista que pode ser compreendido de muitas maneiras. Vale salientar que, para o presente trabalho, é necessário restringir tal concepção para que possa ser articulada a relação com Deus, seja de maneira pessoal ou comunitária.

Nos últimos anos a experiência tem sido objeto de atenção de muitas áreas de estudo, de modo especial, a teologia.¹ Entretanto, quando se trata sobre o termo experiência muitas imagens vêm à mente. Na área da ciência surgem experimentos químicos, físicos e biológicos; no contexto da vida humana a experiência pode significar sabedoria pelos anos vividos e diversas outras imagens poderiam ser elencadas.²

Para uma melhor compreensão sobre o tema, um dos conceitos de experiência é:

A palavra latina *experientia* deriva de *experior* que, por sua vez, provém do antigo *periri*, nascido de *peirao* (=tentar). Os primitivos *perio* e *perior* provêm de *comperio* (=descobrir) e de *peritus* (=douto, prático). Experimentar é, portanto, provar e descobrir as coisas, com o que se consegue um conhecimento delas e a perícia sobre elas. Experiência e consciência da realidade, impressão da realidade, acesso à realidade, devido a relação pessoal com algo ou alguém, posto que se passou por algo/alguém, se viveu, sentiu, fez...³

Deste modo, durante todo o percurso da vida, o homem a partir de sua consciência têm experiências constantes, pois ele se relaciona

¹ GELABERT, Martín. Experiência. In: PIKAZA, Xavier; SILANES, Nereo (Trad.). **Dicionário Teológico**: o Deus cristão. São Paulo: Paulus, 1998. p. 334-339. p. cit. 334, grifo do autor.

² GOMES, Rogério. **Em busca de um caminho interior**. Aparecida: Santuário, 2017. p. 155-156.

³ GELABERT, 1998, p. 335, grifo do autor.

incessantemente, adquirindo assim conhecimento, podendo afirmar que o homem se torna experiente em determinada área ou situação.

Sobre isso Leonardo Boff recorda que a experiência é o conhecimento que o homem adquire quando sai de si e procura entender de vários modos determinado objeto. Portanto, a experiência não é um conhecimento teórico, ela não pode ser adquirida a partir de livros. A experiência exige prática do ser humano, ou seja, é adquirida a partir do contato com a realidade.⁴

Destaca-se que a experiência é um acontecimento que modifica o ser humano. Existem diversas possibilidades, algumas experiências podem modificar mais do que outras. A morte de algum amigo ou parente altera mais significativamente a existência de uma pessoa do que uma viagem a outro país. Ambos são experiências, mas são vividas e experienciadas de maneiras distintas.⁵

A experiência não é dedução intelectual. É algo vital que se sofre na própria carne; do contrário, não é experiência. Não é a mesma coisa *deduzir* o que é o banho pelo fato de haver estudado em pormenores, e até, se quisermos, com requinte, o que *tem que* acontecer quando um corpo em determinado grau de temperatura, num ambiente de calor, se encontra com a água em certo grau de temperatura, e saber o que é a *experiência* por que passa a pessoa que tomou banho de mar em dia de calor. Sem tantos dados explicitamente possuídos e combinados, ela sabe, de maneira diferente, o que a coisa é, sabe de dentro para fora, sabe por dentro.⁶

Desta forma, a experiência é algo possível para todos os seres humanos, não importa o conhecimento teórico a respeito de uma determinada ação ou situação, pois a prática (ato de experimentar) irá fazer com que o ser humano consiga ter a experiência.

⁴ BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 31.

⁵ JUNG MO, Sung. **Experiência de Deus: ilusão ou realidade?**. São Paulo: FTD, 1991. p. 13.

⁶ GUERRA, Augusto. Experiência Cristã. In: FIORES Stefano; GOFFI, Tullo (Org.). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 388-393. p. cit. 389, grifo do autor.

Entretanto, um outro aspecto é necessário para que o ser humano possa ter experiência, a consciência. Se alguém não possui consciência de algo que aconteceu não é possível afirmar que ela teve uma determinada experiência ou talvez que a pessoa tenha vivido por completo tal acontecimento.⁷

Toda a vivência do ser humano é constituída por experiências, pois enquanto sujeito, ele sempre se relaciona com diversos objetos. Ainda sobre essa relação de sujeito com objeto durante a vida, Clodovis Boff afirma:

Não que a vida humana seja só *experiência*, mas vem sempre junto com a experiência. Esta está sempre como que subentendida a tudo o que o ser humano vive. Para ser gente é preciso *sentir-se viver*. Não é que a experiência seja propriamente a *essência* da vida humana, mas é certamente um componente essencial e fundamental da mesma. Alguém que não *se percebe* vivendo, que não *se conscientiza* de sua vida, mais *vegeta* do que vive propriamente. [...] Até um ato tão abstrato como é o *entender* é vivido, experienciado, percebido.⁸

Torna-se claro que a concepção sobre experiência é muito abrangente, mas está acessível a todo o ser humano consciente de sua vida. A partir de uma mera relação com algo exterior ao ser humano todos podem fazer e passar por experiências.

Contudo, é necessário abrir o leque de experiências, não apenas com objetos, pois a experiência traz compreensão sobre a vida, crescimento e amadurecimento, e neste ponto abre-se a possibilidade da relação com a dimensão religiosa.

1.2 EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

O ser humano, como um ser de relações, pode se relacionar também com aquilo que o transcende, podendo assim ter experiências religiosas, que não são apenas com determinada religião ou seita, mas sim uma possibilidade a todos que acreditem em um Ser Superior.

⁷ JUNG MO, Sung. 1991, p. 13.

⁸ BOFF, Clodovis. **Experiência de Deus e outros escritos de espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2017. p. 11, grifo do autor.

Desta forma é necessário ter claro que “toda religião, de fato, procura interligar uma relação vivida com uma realidade transcendente; a diversidade das religiões fundamenta-se na diversidade das representações dessa realidade.”⁹

A problemática que se levanta quando se trata da noção de experiência religiosa está relacionada à possibilidade de ter um contato com a realidade transcendente.¹⁰ Destarte, é necessário compreender como o ser humano tem uma experiência religiosa e como essa acontece em relação a Deus.

Esta experiência pode ser entendida assim:

A experiência religiosa difere da experiência dos valores morais ou estéticos. Estes, mesmo implicando o sentido da transcendência do valor em relação à consciência individual, não alcançam o ser como tal, mas apenas suas manifestações concretas percebidas como boas e belas. A experiência religiosa, ao contrário, não percebe apenas um valor (o sagrado ou absoluto), mas apresenta-se como um *contato* com o ser divino.¹¹

Deste modo entende-se que a experiência religiosa envolve mais o ser humano do que as demais experiências já citadas. Todos aqueles que fazem tal experiência possuem inúmeras estruturas que a condicionam. Sem dúvida, o ser humano que faz a experiência religiosa possui uma estrutura mental, que de certa forma depende de sua cultura, além de muitos fatores pessoais e linguísticos.¹²

Por se tratar de uma experiência humana, a experiência religiosa tem como base princípios semelhantes da percepção comum:

Como a experiência vital, pode-se dizer que se assemelha à experiência da percepção comum: como a existência do mundo, longe de poder ser reduzida a uma produção da consciência, se impõe por meio da percepção em sua presença, analogamente ao homem religioso se impõe a

⁹ BERNARD, Charles A. **Introdução à teologia espiritual**. 3. ed. São Paulo: Loyola. 2014. p. 27.

¹⁰ BERNARD, 2014, p. 27.

¹¹ BERNARD, 2014, p. 29, grifo do autor.

¹² BERNARD, 2014, p. 29.

existência de um mundo espiritual percebido como existente, dotado de realidade ontológica e *não* projeção de seus desejos: o fato de a consciência perceptiva ser também condicionada por estruturas preexistentes não implica que se deva reduzir a percepção do mundo ao conteúdo cognoscitivo que aparece na mente.¹³

A experiência religiosa não é fruto da imaginação de um homem espiritual, ela acontece para aqueles que creem e possuem os fundamentos culturais, linguísticos e pessoais. Não se pode reduzir o mundo, inclusive a dimensão espiritual, a somente aquilo que se conhece pela mente.

Leonardo Boff recorda que no decorrer da história a crítica colocou em xeque todas as ideias sobre Deus. Essa corrente de pensamento ganhou status com as contribuições de Freud, Marx e Nietzsche. Foram críticas pela secularização, pela desmitologização, pela tentativa de tradução secular dos conceitos religiosos, pela teologia da morte de Deus, pelo esforço de desmascaramento da função ideológica assumida pelas religiões, com a finalidade de justificar ou preservar a situação social dos países subdesenvolvidos.¹⁴

É preciso superar as críticas sobre a existência de Deus que ainda permanecem atualmente e admitir a possibilidade de experiência religiosa, mesmo que essa seja subjetiva, e ter a clareza de que a finalidade da religião não é enganar ou mascarar a realidade. Já que a noção de religião se denomina pela relação do homem com uma ordem superior de realidade.¹⁵

A experiência religiosa depende de alguns fatores do sujeito e particularmente da linguagem, pois ela se desenvolve no terreno cultural que tem suas próprias estruturas, mesmo que não exista continuidade entre o ambiente e o surgimento da experiência – conversão repentina –, isso não retira totalmente a influência da cultura sobre a experiência como tal. Recorda-se também um fator na experiência interior que seria a dimensão afetiva do sujeito, assim como a percepção do mundo exterior

¹³ BERNARD, 2014, p. 30, grifo do autor.

¹⁴ BOFF, 2011, p. 15-16.

¹⁵ VELASCO, Juan M. Religião, religiões. In: PIKAZA, Xavier; SILANES, Nereo (Trad.). **Dicionário Teológico**: o Deus cristão. São Paulo: Paulus, 1998. p. 792-798. p. cit. 792.

é dirigida por interesses profundos, a experiência religiosa sente os efeitos das preocupações de uma pessoa.¹⁶

Sendo assim, o conhecimento que o homem tem de Deus se dá na experiência e a partir da experiência, mas isso não quer dizer que Deus se limita à experiência: Deus é maior e ultrapassa todas as definições, conceitos e noções já descritas ou pensadas.¹⁷

Deus não é de modo algum compreendido, nem pelo intelecto nem por nenhuma outra coisa, porque, sentido infinito, não pode estar incluído em nenhum finito, o que levaria algo finito a abarcá-lo infinitamente, pois Ele próprio é infinito. (Sum. Theol. I, q.12 a.7)¹⁸

Desvelar o Mistério não é possível ao ser humano, como afirma Santo Tomás, mas é possível ter experiências com Ele, pois é Ele que se dá a conhecer à humanidade: “ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair.”¹⁹

Deste modo, é necessário compreender, na ótica cristã, como é possível a experiência de Deus, não mais apenas no sentido religioso que é abrangente e que outras religiões oferecem, mas a partir de Cristo, como é viver tal experiência e o que esta oferece ao ser humano que professa esta fé.

1.3 EXPERIÊNCIA CRISTÃ DE DEUS

Falar da experiência de Deus pode parecer um anacronismo ou um desafio. Considera-se anacronismo em uma sociedade que se proclama pós-teísta e na qual o problema de Deus perde, de forma aparente, sua especificidade teológica, e é relacionado apenas quando articulado com termos etnológicos, psicológicos, sociais ou políticos. Torna-se um desafio, pois na sociedade contemporânea, a experiência de Deus não passa de uma persistência ou a sobrevivência de uma ilusão. Lima Vaz ressalta que a ilusão de Deus seria a última entre todas as existentes que

¹⁶ BERNARD, 2014, p. 31.

¹⁷ GELABERT, 1998, p. 335.

¹⁸ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola. 2001. p. 227.

¹⁹ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. Jo 6, 44.

ainda resiste. O grande desejo de uma cultura pós-teísta, liderada por Marx, Nietzsche e Freud, entre outros, foi a remoção de Deus.²⁰

O lugar que Deus ocupava na vida de cada homem e no mundo tornou-se vazio, sem sentido. Entretanto, o vazio cultural de Deus se deparou com a busca por respostas:

Nunca como hoje, e exatamente em face da tentação do vazio – o vazio cultural de Deus nas *teologias* da secularização e o vazio espiritual de Deus nas *contra teologias* da sacralização – parece tão importante para a lucidez e o vigor da vida cristã definir a experiência de Deus como a experiência de uma plenitude. É difícil, mas necessário.²¹

A ideia de experiência de Deus não é a mesma que uma experiência científica. Da mesma forma que não acontece em um determinado campo do agir humano como se fosse o fazer ou ter experiência na política ou na agricultura. Essas outras experiências humanas são constituídas por sensações externas que se tornam impressões psicológicas e que por fim ficam armazenadas na memória humana, fazendo com que o ser humano se torne experiente em determinada área.²²

A experiência de Deus é qualificada como existencial, pois além de envolver a subjetividade, envolve também toda a existência da pessoa. “Experimentar Deus não é pensar sobre Deus, mas sentir Deus com a totalidade de nosso ser. Experimentar Deus não é falar de Deus aos outros, mas falar a Deus junto com os outros”.²³

Na Sagrada Escritura, um povo inteiro descreve como, a partir de sua realidade, soube perceber, assumir e viver os apelos de Deus. A aproximação do povo com Deus trouxe uma nova consciência. Quando a Bíblia descreve a história do povo de Israel, ela está interessada em comunicar a todos essa nova consciência, que foi gerada pela experiência com Deus. Desta forma, apresenta os acontecimentos para indicar o caminho que leva ao encontro com Deus.²⁴

²⁰ LIMA VAZ, Henrique. A experiência de Deus. In: BETTO, Frei. et al. **Experimentar Deus hoje**. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 74-89.

²¹ LIMA VAZ, 1974. p. 75, grifo do autor.

²² BOFF, 2017, p. 9-10.

²³ BOFF, 2011, p. 7.

²⁴ MÜHLEN, Heribert. **Fé Cristã Renovada**. São Paulo: Loyola, 1980. p. 78-81.

Se a experiência consiste, genericamente, em conhecer, para fazer esta experiência com Deus são necessários dois fundamentos: a fé e a comunicação da vida divina.²⁵

A fé é um dom que vem de Deus. “Ninguém vem a mim se o Pai que me enviou não o atrai.”²⁶ É por meio deste dom recebido de Deus que o cristão adere à revelação divina e se insere no mistério da Salvação. A fé é uma luz que está acima da razão, ela permite dar sentido na adesão a este plano salvífico realizado em Cristo. Portanto, é preciso considerar a luz da fé como uma participação da luz divina que eleva os sentimentos e pensamentos do homem.²⁷

Na perspectiva cristã:

Entende-se *experiência* como vivência da fé em Deus. É viver a fé *em primeira pessoa*. Corresponde a dizer de modo consciente e assumido: *eu creio!*. Trata-se, pois, de uma fé interiorizada ou, como se diz, *subjetivada*. É *tomar posse* da fé recebida, fazendo-a própria. *Experiência de Deus* é, em suma, a *fé viva* ou a *fé vivida*.²⁸

Para que aconteça a experiência de Deus, é necessário crer, ser sujeito de fé. Pois não é possível ter uma experiência, se não acredita naquilo com que se relaciona. Portanto, surge um termo estritamente necessário para a experiência de Deus, a fé.

A fé implica, entre outras coisas, experimentar Deus. É através dela que o fiel se entrega a Deus. Portanto, a fé subjetiva pressupõe a fé objetiva, ou seja, a fé-doutrina.²⁹ Quando a fé é articulada com a esperança e a caridade cria-se no homem um novo nível de consciência que irá penetrar até a esfera divina. Desta forma, a experiência cristã supera o nível da experiência religiosa baseada na condição da consciência criada à imagem de Deus.³⁰

A dimensão da fé não está restrita apenas ao grau da religiosidade, ligada às práticas de missas

²⁵ BERNARD, 2014, p. 31.

²⁶ Jo 6, 44.

²⁷ BERNARD, 2014, p. 32.

²⁸ BOFF, 2017, p. 07, grifo do autor.

²⁹ BOFF, 2017, p. 08.

³⁰ BERNARD, 2014, p. 32.

assistidas, novenas realizadas ou apenas crença de que Deus existe. A fé em Deus nos exige muito mais. A fé em Deus pede confiança plena, dentro de um relacionamento íntimo e de amizade com Deus, que é Pai.³¹

Está claro que para realizar a experiência de Deus é necessário ter fé. A essência da fé é manifestar na linguagem humana, num ato de liberdade, a linguagem em que o Revelador se revela. Não se trata de um sentimento, de uma representação ou de uma demonstração.³² Através da fé abre-se o caminho para uma experiência cristã de Deus.

Clodovis Boff afirma que nos tempos atuais se fala muito sobre experiência de Deus, mas em forma de resposta. No início do cristianismo não era necessário, porque a fé constituía para todos uma experiência de encontro. Todos os cristãos entendiam a fé como algo pessoal, a ser vivida e assumida por cada indivíduo.³³ Entretanto, pode-se perguntar nos dias atuais, por que se fala tanto de experiência de Deus?

Em primeiro lugar, recorda-se o que já foi dito anteriormente. Devido a uma filosofia que buscava desmitologizar Deus, acabou-se abrindo um vazio existencial que exige uma procura por respostas. Outro motivo seria referente ao interno da Igreja. Pois com o decorrer da história, o lado objetivo da fé cristã, isto é sua doutrina, sua moral e sua organização foi ocupando mais espaço, enquanto o lado subjetivo foi sendo menosprezado. Na Igreja sobra cultura cristã (convenções em base à tradição) e falta fé cristã (convicções através da experiência).³⁴

Portanto, é necessária esta reflexão sobre a experiência de Deus, e como ela pode ser feita pelas pessoas que vivem a sua fé na Igreja. Para que todos que queiram, saibam o que estão experienciando e não corram o risco de estar vivendo certos subjetivismos exagerados. “Quando se trata da experiência de Deus, é preciso levar muito em conta a diferença decisiva que existe entre uma “experiência espiritual” e uma “experiência emocional” de Deus.”³⁵

³¹ GOMES, Eliete. **Das lições que a vida ensina**. Aparecida: Santuário, 2017. p. 94.

³² LIMA VAZ, 1974. p. 87.

³³ BOFF, 2017, p. 12.

³⁴ BOFF, 2017, p. 12.

³⁵ BOFF, 2017, p. 13.

Na atualidade existe uma tendência de o emocional engolir o espiritual, como é o caso de certos cultos, nos quais a celebração religiosa é reduzida a uma terapia de massa.³⁶

*A experiência de Deus se dá na esfera das faculdades espirituais do homem, o intelecto e a vontade, não se reduzindo a uma simples emoção causal. É um ato de liberdade, que determina o homem mais funda e decisivamente que qualquer moção psicológica. A esta, como se sabe, os clássicos davam o nome de *passio*, paixão, por mexer conosco, por assim dizer, sem permissão. É verdade que usaram o mesmo nome para falar da *paixão por Deus*. Contudo, essa é uma paixão superior, que mexe conosco em profundidade, ampliando nossa liberdade e elevando nosso ser, o que nem sempre se dá – longe disso – com a paixão humana.*³⁷

Portanto, a experiência emocional não oferece ao ser humano uma experiência completa, pois não acontece com liberdade e nem em profundidade. A experiência cristã de Deus necessita de todo a existência do ser humano, portanto, do seu espírito também. Clodovis Boff recorda que pode existir um influxo do emocional sobre o espiritual, mas o processo inverso também pode ocorrer, como por exemplo quando em uma experiência espiritual intensa de Deus a pessoa pode ter sentimentos de alegria ou reações físicas, como ajoelhar ou levantar as mãos.³⁸

Mas como poderia o ser humano experimentar Deus através de seu espírito?

A encarnação do Filho de Deus significa o acesso definitivo da humanidade à esfera divina. Esse acesso, entretanto, foi preparado durante todo o período da Antiga Aliança. [...] A partir do mistério do Verbo encarnado, elevamo-nos à revelação do mistério trinitário que transforma radicalmente a posição espiritual do homem, pois revela que o Absoluto, o Vivo, é uma realidade que se explicita pelas relações entre Pessoas, relações das quais o

³⁶ BOFF, 2017, p. 14.

³⁷ BOFF, 2017, p. 16, grifo do autor.

³⁸ BOFF, 2017, p. 16.

homem é chamado a participar. Essa participação na vida intratrinitária constitui a singularidade da fé e da experiência cristã, insuperável plenitude de vida, ontológica e interpessoal.³⁹

A experiência cristã de Deus só acontece a partir do Cristo, Verbo encarnado, porque por Ele todos os que forem batizados em nome da Trindade se tornam filhos adotivos. Dessa forma, a Igreja ao oferecer o Cristo está possibilitando uma experiência cristã de Deus e mantendo os seus fiéis com fé viva.

Quando se trata de fé viva já está incluso sempre a noção de experiência espiritual, pois é uma das dimensões da fé, que gera ações transformadoras, essas transformações pela fé podem ser exemplificadas com as experiências de encontro com o Cristo narradas nos Evangelhos e por aqueles que se converteram. Enquanto a experiência emocional não é essencial à fé, mas acidental e podendo tanto ajudar como atrapalhar a vida da graça.⁴⁰

Se a experiência de Deus vai até as raízes de nosso ser, ela deve transformar em profundidade e, através de nós, transformar o meio ambiente. Gerando um novo ser, a experiência cristã gerará necessariamente um novo agir. Para o cristianismo, a ética é uma decorrência da espiritualidade e, por isso mesmo, um dos sinais de sua autenticidade, como disse Jesus: 'Pelos frutos os conhecereis' (Mt 7, 16). Se a espiritualidade produzir bons frutos, será boa; se não, será má.⁴¹

Em síntese, a pessoa que tiver uma experiência cristã de Deus deve assumir e viver sua fé, que é dom de Deus, a ponto de transformar o seu agir. Como a fonte da experiência com Deus é o Cristo, a Igreja surge como lugar para a vivência da fé e do agir cristão.

1.4 IGREJA COMO CAMINHO PARA VIVÊNCIA DA FÉ

Para que nos capítulos posteriores se reconheça o ser e o agir da Igreja como lugar da experiência de Deus é necessário compreendê-la como um lugar para a vivência da fé.

³⁹ BERNARD, 2014, p. 35.

⁴⁰ BOFF, 2017, p. 24.

⁴¹ BOFF, 2017, p. 43.

No decorrer da história a Igreja nem sempre conseguiu discernir corretamente onde os caminhos de uma verdadeira experiência cristã. Algumas vezes se enganou. E quando se impôs como único critério, interrompeu a possibilidade de fazer experiência por outros meios e impossibilitou o surgimento de novas experiências. Sendo assim, a Igreja não é a única fonte de experiência. Contudo, é incontestável que ela representa uma destas fontes importantes, de que não se pode prescindir em nenhum momento histórico e da vida de qualquer pessoa.⁴²

A comunidade eclesial é o lugar da experiência de Deus. É nela que se encontram todos os mistérios que remetem o ser humano a Deus. Ademais, é fazendo parte da comunidade que o ser humano tem a possibilidade de viver a caridade, que é, como diz São Paulo, “um caminho incomparavelmente superior”,⁴³ para realizar a experiência de Deus.

Existem, na Igreja, mediações privilegiadas que comunicam a graça divina e possibilitam ao homem a vivência da fé. Destacam-se aqui os sacramentos e a Palavra de Deus, que fazem parte da Igreja como Corpo místico de Cristo.⁴⁴

Os sacramentos, portanto, não devem ser considerados apenas meios de santificação, mas instrumentos privilegiados, de instituição divina, que definem a forma da vida espiritual. Eles são instrumentos separados que conferem a graça de Cristo [...] o canal por meio do qual a participação da vida divina chega até nós.⁴⁵

A Igreja através dos sacramentos possibilita aos fiéis a graça de se unir ao Cristo, pois a graça que se recebe no batismo e que é renovada na celebração eucarística provém de Cristo, portanto produz nos fiéis os mesmos frutos, e através da vivência da fé em harmonia com o Cristo, os cristãos são convidados a agir segundo o espírito evangélico, participando da mesma missão, a salvação dos homens.⁴⁶

⁴² GUERRA, 1989, p. 389.

⁴³ 1Cor 12, 31.

⁴⁴ BERNARD, 2014, p. 90.

⁴⁵ BERNARD, 2014, p. 90.

⁴⁶ BERNARD, 2014, p. 91.

Conforme a grande tradição cristã o lugar onde a autocomunicação divina se faz próxima a experiência humana é por meio dos sacramentos.⁴⁷

O *mistério-sacramento* é o fazer-se presente da ação salvífica do Deus transcendente através da mediação de palavras e gestos deste mundo, transformados pelo Espírito em instrumentos da autocomunicação divina: é a Glória, que vem esconder-se e ao mesmo tempo irradiar-se nos sinais da história. [...] *o grande sacramento de Deus é o Cristo, a Palavra feita carne.*⁴⁸

Sendo assim, Jesus se apresenta como a principal autocomunicação de Deus, por meio d'Ele, como já visto anteriormente, os cristãos fazem a experiência de Deus.

O contato com o Cristo vivo é transmitido no tempo, sendo a fé nele transmitida por meio da experiência que os cristãos podem fazer d'Ele na Palavra e no Espírito. Aqui se aflora o papel fundamental da fé apostólica na Igreja, que é irradiar ativamente ao mundo a luz de Cristo, pois é penetrada por Ele.⁴⁹

[...] a própria Igreja é, portanto, no tempo, sacramento de salvação, *forma concreta*, historicamente determinada, da participação na vida divina no tempo dos homens, *Corpo de Cristo, Templo do Espírito* [...] Ela é o mistério do encontro na sua forma comunitária e social.⁵⁰

Deste modo, a Igreja por meio dos sacramentos e por ser sacramento é lugar para a vivência da fé. Destarte, outra mediação que comunica a graça divina ao homem e, portanto, alimenta a fé dos cristãos é a Palavra de Deus:

Como se depreende da leitura dos Padres, desde o início a Palavra de Deus alimentou a vida da Igreja;

⁴⁷ FORTE, Bruno. A experiência de Deus em Jesus Cristo. **Concilium**, Petrópolis, 258, 1995/2, p. 70-79. p. cit. 76.

⁴⁸ FORTE, 1995, p. 76, grifo do autor.

⁴⁹ FORTE, 1995, p. 77.

⁵⁰ FORTE, 1995, p. 77, grifo do autor.

nada mais justo, portanto, que denominar a redescoberta de sua importância, que vem ocorrendo há tempos, de uma volta às origens.⁵¹

Através da Sagrada Escritura todo cristão pode alimentar a sua fé, além de poder aprender da mesma como encontrar-se com o Cristo e viver seus ensinamentos. São Paulo relata sobre isso a Timóteo:

Tu, porém, permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como certo; tu sabes de quem o aprendeste. Desde a infância conheces as sagradas letras; elas têm o poder de comunicar-te a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra.⁵²

Sendo assim, a Igreja tem como fonte contínua de enriquecimento da fé a Sagrada Escritura, particularmente por meio da experiência espiritual. Contudo, é necessário recordar que para a leitura e interpretação das Sagradas Escrituras é necessário o auxílio do Espírito Santo. Pois por meio d'Ele a Igreja e os cristãos lembram do ensinamento do Cristo, bem como indica para a Igreja e ao fiel como viver o Evangelho de maneira atualizada na sua realidade.⁵³ É o Espírito Santo, alma da Igreja, que é comunicado pelo Cristo através da Palavra, dos sacramentos e da própria Igreja como sacramento, que conduz o ser humano para experimentar Deus.

Ao se tornar membro da Igreja, o cristão tem um lugar para viver a sua fé, mantendo-a viva e crescendo no relacionamento com o Cristo.

Uma vez que o homem é membro da Igreja e vive em um mundo histórico, toda sua vida espiritual implica uma relação com o mundo que o condiciona e que, por sua vez, se torna o destinatário de uma operação humana ao mesmo tempo natural e sobrenatural.⁵⁴

⁵¹ BERNARD, 2014, p. 92.

⁵² 2Tm 3, 14-17.

⁵³ BERNARD, 2014, p. 94.

⁵⁴ BERNARD, 2014, p. 89.

Para melhor refletir acerca do tema “a experiência de Deus na Igreja”, é necessário olhar sob a ótica dos documentos mais atuais da Igreja, de modo especial os frutos do Concílio Ecumênico Vaticano II, em específico, os documentos *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*.

A *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes* são duas Constituições conciliares de fundamental importância. Indubitavelmente, elas marcaram a vida da Igreja, porque significam uma nova concepção da Igreja em si mesma. É uma nova autoconsciência de Igreja presente nesses dois documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, e, por isso, eles dão expressão ao que este último Concílio Ecumênico intentou, correspondendo ao objetivo escolhido por João XXIII ao convocá-lo.⁵⁵

A Igreja é um lugar para os cristãos viverem a sua fé. Por muito tempo pensou-se somente na Igreja-instituição, deixando a Igreja-carisma menosprezada. O Concílio Vaticano II trouxe uma nova reflexão sobre a eclesiologia a ser assumida e vivida nos tempos atuais. Para melhor refletir sobre a experiência de Deus na Igreja é necessário reconhecer, sob a ótica da constituição dogmática *Lumen Gentium*, o ser da Igreja no mundo.

⁵⁵ HACKMANN, Geraldo L. B. A Igreja da *Lumen Gentium* e a Igreja da *Gaudium et Spes*. **VER. TRIM**, Porto Alegre: v. 35. n. 150. p. 657-676. Dez. 2005. p. 657.

2 O SER DA IGREJA COMO EXPERIÊNCIA DE DEUS NA ÓTICA DA *LUMEN GENTIUM*

Tendo explicitado o significado de experiência de Deus, é necessário justificar a escolha da constituição dogmática *Lumen Gentium* para a elaboração deste trabalho.⁵⁶

Uma coisa é a visão de Igreja que brota da mente de um teólogo isolado, por mais conectado que esteja; outra, a que sai da cooperação de cerca de dois mil e quinhentos bispos, convocados por Roma, ainda que assessorados por peritos, em seu ministério de doutores. [...] O concílio é, na verdade, a expressão máxima da comunhão eclesial em sua dimensão visível e institucional. Inspira-se, sem dúvida, naquela primeira assembleia dos irmãos, dos presbíteros e dos apóstolos, em Jerusalém, de que fala o livro dos Atos (cf. At 15). [...] A primeira vez que um concílio tratou da Igreja como tal foi no Concílio Ecumênico Vaticano II.⁵⁷

No Concílio inúmeras questões cruciais foram abordadas, entre elas a questão de Deus. Ela não se situa em somente um documento, mas perpassa todos eles, tendo em vista que o Deus da fé cristã constitui a origem e o fim da Igreja e de tudo que ela possa dizer e fazer no mundo.⁵⁸

⁵⁶ A justificativa utilizada para o documento *Lumen Gentium* aplica-se também para o documento *Gaudium et Spes*. Todos os documentos do Concílio Vaticano II são de extrema importância, contudo o presente trabalho busca reconhecer a Igreja como lugar da experiência de Deus através do seu “ser” e do seu “agir”. Salienta-se que a *Lumen Gentium* teve grande influência na orientação e no conteúdo dos demais documentos conciliares, enquanto que a *Gaudium et Spes* é, sobretudo, a máxima expressão da abertura que o Concílio implementou e, como tal, não poderia estar senão no final do mesmo.

⁵⁷ ALMEIDA, Antonio J. **Lumen Gentium**: A transição necessária. São Paulo: Paulus, 2005. p. 13-15.

⁵⁸ BINGEMER, Maria Clara L. Deus: experiência histórica e rosto humano – Alguns elementos sobre a questão de Deus no Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio L.; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org.). **Concílio Vaticano II**: Análise e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Paulinas 2014. p. 187-205. p. cit. 187.

Até o Concílio Vaticano II havia uma separação entre o pensar sobre Deus e a experiência de Deus. A teologia acadêmica não se via vinculada a experiência de Deus como ponto de partida para a construção do seu pensar. Com essa discriminação a teologia torna-se doutrinal, explicativa e dedutiva.⁵⁹

A partir do Concílio Vaticano II houve um grande acontecimento. A reflexão teológica redescobriu o direito dos homens à experiência cristã de Deus, sendo essa experiência a fonte rica e consistente de ensinamento que permite à teologia dizer palavras sobre Deus, que é o centro de sua fé.⁶⁰

É importante saber que aconteceu uma virada eclesiológica com a publicação desta constituição dogmática. O ponto de partida e de ligação entre os capítulos é o tema do povo de Deus.⁶¹

Todos esses capítulos devem ser lidos, portanto, em chave histórica, como encarnações particulares e situadas do grande povo de Deus. Também o capítulo primeiro, sobre a Igreja como mistério, que serve de base e introdução ao segundo, sobre a Igreja como povo de Deus, deve ser lido em chave histórica: o mistério encarnado na história.⁶²

É a partir do tema povo de Deus que a Igreja mostra o seu ser, a sua origem proveniente da Santíssima Trindade, mostra uma maior relação com a graça de Deus do que com o poder humano.⁶³ Deste modo o presente capítulo buscará reconhecer o ser da Igreja como experiência de Deus na ótica da *Lumen Gentium*. Partindo dos dois primeiros capítulos da constituição cujas reflexões perpassam os demais capítulos e o capítulo sobre a santidade, pois trata-se de um convite a todos que fazem parte da Igreja.

⁵⁹ SOBRINO, Jon. **Espiritualidade da libertação**: estrutura e conteúdo. São Paulo: Loyola, 1992. p. 171-172.

⁶⁰ BINGEMER, 2005, p. 189.

⁶¹ FELLER, Vitor G. *Lumen Gentium*: pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, ano 28, n. 1, p. 29-50, 2013. p. cit. 40.

⁶² FELLER, 2013. p. 41.

⁶³ FELLER, 2013. p. 41.

2.1 A IGREJA COMO MISTÉRIO

O primeiro capítulo da constituição dogmática *Lumen Gentium* é intitulado como o mistério da Igreja. Entretanto é necessário compreender que o termo “mistério” não significa algo obscuro, escondido ou secreto, mas sim afirmar que a Igreja é uma realidade divina transcendente e salvífica visivelmente presente na humanidade.⁶⁴

A noção de mistério não significa, em primeira linha, algo abstruso, desconhecido, limite à nossa compreensão. *Mysterion*, em grego, corresponde ao termo latim *sacramentum*. A Igreja é, portanto, situada numa perspectiva sacramental. Ela é sinal, presencialização do plano do Pai de salvar todos os seres humanos na caridade do Filho, feito homem, redentor e mediador, e na efusão do Espírito, princípio de união e santificação dos remidos.⁶⁵

Segundo a *Lumen Gentium*, a Igreja é sacramento, ou seja, sinal da presença de Deus. Por isso é chamada a, evangelizando, iluminar todos os homens com a luz de Cristo que resplandece em sua face. A Igreja é mistério, ela pertence ao desígnio salvífico de Deus.⁶⁶

Para isso o Concílio Vaticano II:

Propõe-se explicar com maior vigor aos fiéis e a toda a gente a natureza e a missão universal da Igreja, a qual é em Cristo como que o sacramento ou sinal, e também instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano.⁶⁷

Portanto, para que o homem possa fazer experiência de Deus para alcançar a salvação, não basta fazê-lo de maneira individual mas, além da união com Deus, precisa da comunhão com os irmãos.

⁶⁴ HACKMANN, Geraldo Luiz B. **A Amada Igreja de Jesus Cristo**: manual de eclesiologia como comunhão orgânica. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 128.

⁶⁵ LIBÂNIO, João B. **Concílio Vaticano II**: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005. p. 108, grifo do autor.

⁶⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: 23. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 3; LG 1.

⁶⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 3; LG 1.

A constituição adota desde a sua introdução uma perspectiva cristocêntrica, ou seja, a luz das nações não se irradia da Igreja, mas de seu divino Fundador. Contudo quando ela irradia a luz de Cristo, esse brilho atinge toda a humanidade, envolvendo-a na claridade que vem de Deus.⁶⁸

A Igreja transmite essa luz aos homens pela pregação da Boa Nova a toda criatura: perspectiva ilimitada imposta pelos imensos horizontes do Evangelho e exigida necessariamente pela universalidade da missão redentora de Cristo. Por mais reduzida que a suponhamos em seus membros efetivos, a Igreja é enviada a todos os homens, sem restrição alguma, e nunca terminará sua missão antes do fim dos tempos.⁶⁹

É possível, desde o início, reconhecer que a missão da Igreja está em relação com todos os homens, como lugar da experiência de Deus. Com a afirmação de que a Igreja é mistério, todos aqueles que professam a sua fé, através da participação na Igreja, pertencem ao desígnio salvífico de Deus, pois a salvação é estar em comunhão com Deus e com os irmãos.⁷⁰

A Igreja é mistério, porque, vindo de Deus e estando a serviço de seu desígnio, é o organismo de salvação, relacionado inteiramente com Cristo. Por isso, o mistério da Igreja, isto é, a salvação de Cristo, que eclode e age no ser humano, revela-lhe a sua condição de filho de Deus salvo pelo sangue de Jesus Cristo.⁷¹

Como foi visto no capítulo anterior, a experiência cristã de Deus só acontece a partir de Cristo, porque por meio d'Ele todos os que forem batizados em nome da Trindade se tornam filhos adotivos. Portanto, todos os homens que são “incorporados nos mistérios da vida do Cristo”⁷²,

⁶⁸ PHILIPS, Mons. **A Igreja e seu mistério no II Concílio Vaticano**. São Paulo: Herder, 1968. p. 77-78.

⁶⁹ PHILIPS, 1968, p. 78.

⁷⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 3; LG 1.

⁷¹ HACKMANN, 2013, p. 129.

⁷² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 13; LG 8.

tornam-se membros da cabeça que é o Cristo. Sendo assim, todos que assumem e vivem como parte integrante do Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja.⁷³

O Concílio utiliza como uma outra imagem para a Igreja, Corpo Místico de Cristo, proveniente das cartas paulinas. Essa imagem faz superar a compreensão da Igreja como uma sociedade que conserva os ensinamentos de Cristo. Faz transparecer uma Igreja como comunidade de fé, essa é a imagem que melhor expressa o mistério da Igreja.⁷⁴

Pelo batismo configuramo-nos com Cristo ‘porque num mesmo Espírito fomos batizados todos nós, para sermos um só corpo’ (1Cor 12,13). [...] Nós, participando realmente do corpo do Senhor na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com ele e entre nós.⁷⁵

Por meio do sacramento do Batismo os homens são iniciados na união com Jesus Cristo, e através da Eucaristia, a Igreja vive e cresce em unidade. Este é o mistério da Igreja, pois Cristo é a Cabeça, o princípio vital. Assim a Igreja é o Corpo Místico de Cristo, a ele pertence e é seu instrumento.⁷⁶

Além dos sacramentos do Batismo e da Eucaristia, os demais sacramentos também fazem com que o ser humano se mantenha fiel a Cristo por meio da Igreja. Através da Crisma, vincula-se mais perfeitamente à Igreja e recebe especial vigor do Espírito Santo. Através da Penitência, reconcilia-se com a Igreja e busca a conversão. Pela Unção dos Enfermos, a Igreja encomenda os doentes ao Senhor, para que os alivie e salve. Por meio da Ordem, alguns fiéis são destinados a apascentar a Igreja, e por fim o Matrimônio faz com que os esposos sejam sinal do mistério da unidade e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja.⁷⁷

Para que a Igreja seja local da experiência de Deus, na perspectiva cristã, é necessário que tenha os elementos de mediação que Cristo instituiu e quis para a sua Igreja. Vale salientar que a *Lumen Gentium* afirma que na Igreja Romana, e somente nela, subsistem todos esses elementos, mas não de maneira exclusiva:

⁷³ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 15; LG 7.

⁷⁴ HACKMANN, 2013, p. 136.

⁷⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 11-12; LG 7.

⁷⁶ HACKMANN, 2013, p. 137 - 138.

⁷⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 25; LG 11.

Esta Igreja, como sociedade constituída e organizada neste mundo, subsiste na Igreja Católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele, ainda que fora do seu corpo se encontrem realmente vários elementos de santificação e de verdade, elementos que, na sua qualidade de dons próprios da Igreja de Cristo, conduzem para a unidade católica.⁷⁸

Com a intenção de mostrar que a Igreja é um lugar para se fazer experiência de e com Deus, não se diz que somente a Igreja é o único e exclusivo lugar para a experiência com Deus.

Cabe à Igreja refletir a luz de Cristo, ou seja, a Igreja, em seu ser, é lugar para depositar a fé em Deus. Entretanto, não se pode crer na Igreja como crer em Deus, pois ela não é Deus. A fé se refere a Deus, porém a Igreja é por onde ela se processa. Mais do que objeto, a Igreja é sujeito da fé: é ela que crê. Boff afirma que se é possível crer na Igreja é porque ela está referida a Deus, como sua graça, como sacramento da salvação.⁷⁹

Na Igreja está presente e atuando o mistério salvífico de Deus, que é designado com o conceito de sacramento. [...] A sacramentalidade é, pois, a forma que Deus assume para aproximar-se da pessoa como graça, e é a forma pela qual ele pode ser encontrado. Essa qualidade é inerente à Igreja, porque ela é sacramento primordial e global, que inclui toda a forma sacramental. Assim, não é a Igreja que produz a salvação, mas ela transmite e proclama a salvação recebida de Jesus Cristo.⁸⁰

Ao afirmar que a Igreja é sacramento da salvação, está se afirmando a unidade entre o ser e a missão da Igreja no mundo. Na Igreja há uma união entre o visível e o invisível, o humano e o divino. Portanto, ela é sinal da presença do Cristo no mundo.⁸¹

Da mesma forma que os sete sacramentos são sinais de Cristo, a Igreja o é para o mundo. Portanto ela é o sinal visível da graça divina. Ela

⁷⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 16; LG 8.

⁷⁹ BOFF, Clodovis. **Comunidade eclesial – comunidade política**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 21.

⁸⁰ HACKMANN, 2013, p. 134.

⁸¹ HACKMANN, 2013, p. 134.

é o sacramento de salvação, por meio da contribuição salvífica da Igreja a salvação é estendida para todas as pessoas, lugares e tempos. Vale salientar que esta salvação se estende a todos, não somente para quem já se confessa membro da Igreja.⁸²

Obediente ao ensinamento do Cristo: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei.”⁸³ Ao se tornar membro do Corpo Místico de Cristo, o homem se relaciona com a Trindade, por ser parte da Igreja.

2.2 A IGREJA E A SANTÍSSIMA TRINDADE

O Concílio Vaticano II no primeiro capítulo da *Lumen Gentium* afirma que a Igreja “provém da Trindade, é estruturada à imagem da Trindade e rumo para o acabamento trinitário da história.”⁸⁴ A Igreja está marcada pela unidade da comunidade de Deus, ou seja, “pelos laços do amor de Deus que se diferencia trinitariamente.”⁸⁵

Mas qual a intenção do Concílio de relacionar a Igreja com a Trindade?

O Concílio Vaticano II quis reinserir a marca trinitária da Igreja na consciência dos fiéis; [...] Precisamente nesta relação o Concílio vê o *mysterium* da Igreja, o seu sentido teológico mais profundo: na participação da vida [...] do amor triforme de Deus, a Igreja é chamada e capacitada a ser, como imagem e parábola, e até como *sacramento* dessa *communio* divina, agora ela mesma *communio* entre os homens, quer em sua própria configuração social, quer no serviço à reconciliação universal da humanidade e de toda a criação.⁸⁶

⁸² HACKMANN, 2013, p. 135.

⁸³ Mt 28,19.

⁸⁴ FORTE, Bruno. **A Igreja ícone da Trindade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 9.

⁸⁵ KEHL, Medard. **A Igreja uma eclesiologia católica**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Loyola, 1997. p. 61.

⁸⁶ KEHL, 1997, p. 61-62, grifo do autor.

A Igreja é fruto da Santíssima Trindade. “O projeto salvífico da Igreja implica na participação das três pessoas divinas.”⁸⁷ Deste modo é necessário entender a relação de cada Pessoa divina com a Igreja, pois se o ser humano é membro dela, ele se relaciona com as três pessoas da Santíssima Trindade. Sabendo que, a partir de um encontro com Jesus, é necessário seguir seus passos desenvolvendo um relacionamento de filial confiança com o Pai e, deixando-se guiar pelas moções do Espírito, entregar-se à realização do desígnio do Pai.

2.2.1 A Igreja e Deus Pai

A constituição dogmática intitula “os desígnios do eterno Pai para a salvação de todos os homens”⁸⁸ o texto que relaciona a Igreja com Deus Pai. Tem o objetivo de mostrar que a primeira Pessoa da Trindade é responsável pela existência da Igreja na história, pois trata-se do Pai de Jesus Cristo, fundador por excelência da Igreja.⁸⁹

Com facilidade e razão, fala-se da Igreja como obra de Cristo e de seu cofundador, o Espírito Santo. Entretanto, Deus Pai também possui participação na fundação da Igreja.⁹⁰

Por decisão inteiramente livre e insondável da sua bondade e sabedoria, o eterno Pai criou o mundo, decidiu elevar os homens à participação da sua vida divina e não os abandonou quando pecaram em Adão; antes, proporcionou-lhes sempre os auxílios necessários para se salvarem, na perspectiva de Cristo Redentor, ‘que é a imagem do Deus invisível, o primogênito de todas as criaturas’ (Cl 1,15).⁹¹

Deus Pai tem a sua participação na Igreja. Mesmo que a Igreja seja obra de seu Filho, por meio do Espírito Santo, ela não deixa de refletir a ação do Pai na sua existência. Para isso é necessário ter conhecimento da história da salvação. Porque a partir desta visão histórico-salvífica

⁸⁷ HACKMANN, 2013, p. 65.

⁸⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 4; LG 2.

⁸⁹ HACKMANN, 2013, p. 65.

⁹⁰ HACKMANN, 2013, p. 65.

⁹¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 4; LG 2.

percebe-se que a Igreja faz parte do plano de Deus, ou seja, a Igreja é um evento da história da salvação.⁹²

Os homens que acolhem este chamado, de ser elevados a participarem da vida divina, podem de certa maneira ser chamados de forma antecipada da Igreja. Por isso o Concílio diz que “ela já foi prefigurada desde o começo do mundo”.⁹³

Deste modo, a frase síntese da prospectiva processual da Igreja usada na Patrística é “*ecclesia ab Abel*”⁹⁴, pois “todos os justos, a começar por Adão, “desde o justo Abel até o último eleito”, serão finalmente congregados na Igreja universal junto do Pai”⁹⁵

Assim, Deus reúne, entre os justos de todos os tempos e lugares, a sua *ecclesia*, que representa a prefiguração inteiramente real e visível do evento de Cristo e de seu envio do Espírito Santo, sobretudo em sua preparação ‘no seio da história do povo de Israel e no Antigo Testamento (LG 2)’.⁹⁶

Bruno Forte, ao entender a Igreja no sentido amplo (*Ecclesia ab Abel*), afirma que a Igreja, na sua forma visível e histórica, é o sinal e instrumento do desígnio salvífico de unidade, que vai da criação até a parusia.⁹⁷

O Concílio Vaticano II reconheceu a origem paterna da Igreja, pois Deus Pai quis convocar os que acreditam no Cristo na santa Igreja.⁹⁸ Na Igreja e por meio dela, o Pai já estabeleceu seu Reino no mundo. Na constituição *Lumen Gentium* é possível encontrar diversas figuras bíblicas para descrever a Igreja, e nelas frequentemente aparece a figura do pai, como por exemplo o Pai como “Pastor e Dono” do redil da Igreja.⁹⁹

Deus Pai, por meio do seu Filho e do Espírito Santo que procede deles, quer reunir todos aqueles que creem para formarem o seu Reino.

⁹² HACKMANN, 2013, p. 66.

⁹³ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 4; LG 2.

⁹⁴ KEHL, 1997, p. 85.

⁹⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 5; LG 2.

⁹⁶ KEHL, 1997, p. 86, grifo do autor.

⁹⁷ FORTE, 2005, p. 20.

⁹⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 4; LG 2.

⁹⁹ SILANES, Nereo. Igreja da Trindade. In: PIKAZA, Xavier; SILANES, Nereo (Trad.). **Dicionário Teológico**: o Deus cristão. São Paulo: Paulus, 1998. p. 420 - 441. p. cit. 422.

Contudo, para que isto seja possível aos homens é necessário que tenham uma experiência de Deus, e ao viverem a sua fé por meio da Igreja, que é também vontade do Pai, poderão reunir-se no Reino.

2.2.2 A Igreja e Jesus Cristo

Na sequência a *Lumen Gentium* apresenta “A missão do Filho”, relatando a ação de Jesus. A Igreja, como a comunidade dos seguidores do Cristo, funda-se na sua vida, morte e ressurreição e no seu Espírito que ele entrega.¹⁰⁰

Afirma-se que Jesus Cristo é o fundador da Igreja, sendo ela fruto de sua opção e vontade. Não se pode afirmar que existe apenas uma única prova que relata a fundação da Igreja por Jesus. Ele a preparou por toda a sua vida terrena, através das palavras e ações. Embora Ele não a tenha constituído, pois isto foi obra do Espírito Santo, a preparação feita pelo próprio Cristo formou os alicerces da Igreja.¹⁰¹

Veio pois o Filho, enviado pelo Pai, que ainda antes da criação do mundo escolheu nele e nele nos predestinou à filiação adotiva, porque lhe aprovou instaurar em Cristo todas as coisas (cf. Ef 1, 4-5 e 10). E Cristo, para cumprir a vontade do Pai, inaugurou na terra o reino dos céus, cujo mistério nos revelou; e pela sua obediência, consumou a redenção.¹⁰²

Deste modo, compete ao Filho colocar em execução o plano salvífico de Deus Pai e é nisso que está centrada a sua missão. O ponto de partida da missão do Cristo é o amor que inspira ao Pai de predestinar os escolhidos, desde a eternidade, à filiação divina. Mas isso só acontece devido à união com o Filho. Por isso, o Verbo se fez carne para que o seu ato de obediência reconciliasse os pecadores com Deus Pai, e que o Reino de Deus viesse à terra.¹⁰³

A Igreja, reino de Cristo já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus.

¹⁰⁰ KEHL, 1997, p. 75.

¹⁰¹ HACKMANN, 2013, p. 82.

¹⁰² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 5; LG 3.

¹⁰³ PHILIPS, 1968, p. 97-98.

[...] Sempre que no altar é celebrado o sacrifício da cruz, no qual Cristo imolado é a nossa Páscoa (1Cor 5,7), atua-se a obra da nossa redenção. O sacramento do pão eucarístico representa e realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cf. 1Cor 10,17).¹⁰⁴

A Igreja, através dos sacramentos instituídos por Cristo, oferece aos homens e mulheres a união com Deus, tornando-os parte do corpo místico de Cristo. A incorporação inicial, feita através do batismo alcança sua plenitude no sacramento da Eucaristia, pois o cristão incorpora-se ao Corpo real de Cristo, que comporta a inclusão de todos os batizados, rompendo diferenças, gerando a comunhão e participação com Cristo e entre si.¹⁰⁵

São várias as passagens bíblicas¹⁰⁶ que descrevem essa relação da Igreja com Cristo, de modo especial como Corpo de Cristo. A ponto de que a constituição dogmática apresenta em seu texto a temática *A Igreja corpo místico de Cristo*¹⁰⁷.

Através dos sacramentos do Batismo e da Eucaristia, a Igreja experimenta de maneira nova a sua configuração com Cristo como o seu corpo. Pelo Batismo, os fiéis participam da morte de Jesus, que desarmou a força do pecado, e na sua vida que daí nasce. Já na celebração eucarística da vida, morte e ressurreição de Jesus, manifesta-se o ato de Jesus entregar-se ao Pai para a salvação dos homens, e a Igreja ao celebrar tal mistério é assimilada “real-simbolicamente” nesse acontecer.¹⁰⁸

A Eucaristia, que é o corpo de Cristo, faz dos fiéis que dela comungam membros do corpo único. De certo modo, é a Eucaristia que gera a Igreja.¹⁰⁹ É Cristo, por meio da Igreja, que quer atrair todos para o Pai. “Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual procedemos, pelo qual vivemos e para o qual tendemos.”¹¹⁰

A Igreja é um lugar para a experiência cristã de Deus, pois por meio dela Cristo leva a humanidade ao Pai. Mas Ele não o faz sozinho,

¹⁰⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 5; LG 3.

¹⁰⁵ SILANES, 1998, p. 426.

¹⁰⁶ Cf. Rm 12,5; 1Cor 10,16s; 1Cor12,12-27 e entre outras.

¹⁰⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 11-14; LG 7.

¹⁰⁸ KEHL, 1997, p. 83-84.

¹⁰⁹ PHILIPS, 1968, p. 97.

¹¹⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 6; LG 3.

envia o Paráclito para guiar a Igreja. A missão do Filho encontra seu término com o envio do Espírito, que torna possível o acesso ao Pai por meio do Filho. Do mesmo modo que o Pai, por meio do Filho, veio ao homem no Espírito, o homem pode pelo Espírito e pelo Filho ascender ao Pai. O movimento do Pai ao encontro do homem possibilita o contrário, num circuito de unidade, cuja fase eterna é a Trindade e a fase temporal é a Igreja.¹¹¹

2.2.3 A Igreja e o Espírito Santo

Para descrever a relação entre a Igreja e a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade a constituição traz o item “*O Espírito santificador da Igreja*”¹¹². Pois não é possível compreender a consumação da obra de Cristo sem mencionar a missão do Espírito Santo.¹¹³

Deste modo, o Espírito Santo possui uma missão para com a Igreja:

[...] no dia de Pentecostes foi enviado o Espírito Santo para santificar continuamente a Igreja e assim dar aos crentes acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cf. Ef 2,18). Este é o Espírito da vida, a fonte da água que jorra para a vida eterna (cf. Jo 4, 14; 7,38-39); por ele, o Pai dá vida aos homens mortos pelo pecado, até que um dia ressuscitem em Cristo os seus corpos mortais.¹¹⁴

Deste modo, o Concílio busca sintetizar toda a economia da salvação, manifestando o papel do Espírito Santo na vida da Igreja, pois a ação do Espírito Santo é santificadora, purificadora e renovadora.¹¹⁵

Hackmann recorda que o Espírito Santo não é apenas um assistente da Igreja, que veio para dar força à estrutura, mas sim que Ele é o cofundador da Igreja, o Espírito anima a Igreja por dentro. Para exemplificar isso, recorre-se aos sacramentos, que foram instituídos por Cristo, mas é graças ao Espírito Santo que guiou a Igreja para estabelecer o número de sacramentos e dos sinais sacramentais.¹¹⁶

¹¹¹ FORTE, 2005, p. 21.

¹¹² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 6; LG 4.

¹¹³ PHILIPS, 1968, p. 98.

¹¹⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 6; LG 4.

¹¹⁵ HACKMANN, 2013, p. 86.

¹¹⁶ HACKMANN, 2013, p. 85.

O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como um templo (cf. 1Cor 3,16; 6,19): neles ora e dá testemunho de que são filhos adotivos (cf. Gl 4,6; Rm 8,15-16 e 26). Leva a Igreja ao conhecimento da verdade total (Jo 16,13), unifica-a na comunhão e no ministério, dota-a a dirige-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos, e embeleza-a com seus frutos (cf. Ef 4, 11-12; 1Cor 12,4; Gl 5,22). Faz ainda rejuvenescer a Igreja com a força do Evangelho, renova-a continuamente e eleva-a à união consumada com seu esposo. Pois o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus ‘Vem’ (cf. Ap 22, 17).¹¹⁷

Portanto, o Espírito Santo age na Igreja como guia, como renovador, com a intenção de elevar todos para junto do Senhor. O mesmo Espírito que está presente na Cabeça, que é o Cristo, se faz presente nos membros, que são os fiéis batizados.¹¹⁸

A presença do Espírito na Igreja e nos cristãos é a explicação de todos os dons divididos aos homens. Desta maneira, é o Divino Espírito que suscita o sentido da fé.¹¹⁹ Sendo assim, em Cristo, aquele que possui fé, pelo dom do Espírito, viu a face do Pai. Àqueles que buscam Deus com um coração sincero, a Igreja oferece a possibilidade de encontrá-lo e experimentá-lo na plenitude de sua verdade. O que a Igreja oferece é um chamado, um convite para realizar uma experiência com Deus pessoal. Entretanto, essa experiência possui uma dimensão comunitária essencial.¹²⁰

A *Lumen Gentium* encerra esta relação da Igreja com a Santíssima Trindade afirmando uma definição da Igreja segundo São Cipriano: Igreja como “povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.¹²¹ Deste modo, é possível perceber que o mistério da Igreja é de origem divina, mas vivido na história. Assim, a constituição dogmática pode introduzir o ponto central do documento, o segundo capítulo, a Igreja como povo de Deus.¹²²

¹¹⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 6-7; LG 4.

¹¹⁸ HACKMANN, 2013, p. 87.

¹¹⁹ SILANES, 1988, p. 430-431.

¹²⁰ GELABERT, 1998, p. 338.

¹²¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 7; LG 4.

¹²² FELLER, 2013, 44. (Outros autores afirmam que o II capítulo da *Lumen Gentium* é a chave eclesiológica para todo o documento e o próprio Concílio, tais

2.3 A IGREJA COMO POVO DE DEUS

É necessário ter claro que a noção de povo de Deus, na *Lumen Gentium*, vale igualmente para leigos, religiosos e clérigos.¹²³ Obviamente que existem diferenças devido à diversidade de ministérios e carismas, suscitados pelo Espírito Santo: “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos”.¹²⁴ A partir disso, todos possuem papel ativo na missão evangelizadora da Igreja.

A instituição existe dentro da Igreja como serviço, mas ela não é a Igreja. A Igreja não é entidade abstrata. Ela é feita de seres humanos concretos, homens e mulheres que vivem neste mundo. Também os membros ordenados da hierarquia e do clero são seres humanos e a ordenação não os separa dos outros. Para expressar essa realidade concreta, a Bíblia escolheu o tema de Povo de Deus. O povo não é uma instituição. Ele existe antes de qualquer instituição, e as instituições somente se justificam quando estão a serviço do povo. Deus fundou seu povo antes de todos os elementos institucionais. Todos são ativos e recebem o Espírito Santo, todos os povos participam do magistério, dos sacramentos e do governo desse povo.¹²⁵

Deste modo, todos que fazem parte da Igreja, pelo batismo, recebem o Espírito Santo, tornando-se homens e mulheres com os mais variados dons e carismas. O que há entre os ministros ordenados e os demais membros do povo de Deus não é separação, mas distinção que

como: CALIMAN, Cleto. A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja no Brasil. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio L.; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org.). **Concílio Vaticano II: Análise e prospectivas**. 2. ed. São Paulo: Paulinas 2014. p. 230-248. p. cit. 231; VELASCO, Rufino. **A Igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial**. Trad. Nancy B. Faria. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 250.

¹²³ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 69; LG 30.

¹²⁴ At 12, 4-6.

¹²⁵ COMBLIN, José. A mensagem da *Lumen Gentium*, capítulos 1 e 2. **Vida Pastoral**, São Paulo, v. 45, n. 236, maio-jun. 2004. p. 12.

“implica união, pois os pastores e os fiéis estão vinculados entre si por uma relação mútua.”¹²⁶

A virada copernicana que houve na Igreja, em relação a sua eclesiologia, fez com que fosse superada a visão da Igreja como sociedade desigual, onde se via a Igreja somente como o clero, a hierarquia. Com a nova eclesiologia, há uma garantia de igualdade de todos os fiéis, no plano mistérico. Em uma Igreja ministerial, todos são chamados a serem sujeitos na Igreja, dentro da ordem necessária, operada pelo Espírito.¹²⁷

Como foi tratado no primeiro capítulo, para se ter uma experiência de Deus, ter uma vivência da fé, é necessário a iniciativa de Deus. E a *Lumen Gentium* já no início do seu segundo capítulo quer destacar essa ação convocatória de Deus por meio da Igreja. A convocação não é, em primeiro lugar, para a hierarquia, nem para os leigos, nem para os religiosos, mas para o povo de Deus.¹²⁸ “Aprovou, no entanto, a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente, excluindo toda a relação entre eles, mas formando com eles *um povo*, que o conhecesse na verdade e o servisse em santidade.”¹²⁹

Essa convocação de Deus, seja na Antiga como na Nova aliança, quer relatar algo muito importante para a temática do trabalho:

*A convocação de Deus é o âmbito comunitário em que acontece a fé. É dentro dessa convocação que cada um é chamado. [...] A experiência da fé está inscrita, portanto, no interior de uma dinâmica que ninguém pode realizar sozinho, mas apenas no âmbito da convivência e ação comum, próprias da comunidade crente.*¹³⁰

Portanto, o povo de Deus é o povo que tem fé no Cristo, e que tem como finalidade aumentar cada vez mais o reino de Deus na terra¹³¹. A *Lumen Gentium* ao tratar da Igreja como povo de Deus, não quer referir-se somente aos fiéis católicos, mas em primeiro lugar a eles, pois a Igreja, peregrina na terra, é necessária para a salvação, porque o único mediador torna-se presente no seu corpo que é a Igreja. Deste modo quem,

¹²⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 72; LG 32.

¹²⁷ CALIMAN, 2005, p. 234-235.

¹²⁸ RUFINO, 1995, p. 256.

¹²⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 9; LG 19, grifo nosso.

¹³⁰ RUFINO, 1995, p. 256, grifo do autor.

¹³¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 9; LG 19.

consciente disso, recusa-se a fazer parte dela ou perseverar nela, não pode salvar-se. Entretanto, não basta somente pertencer à Igreja, é necessário, ser Igreja, sinal e instrumento, ou seja, colocar em prática, por meio da caridade, a vivência de sua fé.¹³²

A constituição dogmática dá continuidade tratando sobre *as relações da Igreja com os cristãos não-católicos*, reconhecendo-se unida aos batizados que honram o nome de Cristo, mas não professam por inteiro a mesma fé, ou não têm a unidade por meio da comunhão com o sucessor de Pedro.¹³³ Por fim, também relata que *os não-cristãos* também estão destinados a formarem, de modos diversos, parte do povo de Deus. Eles são constituídos por aqueles que não receberam ainda o anúncio do Evangelho ou ainda por aqueles que ignoraram sem culpa o Evangelho de Jesus e a sua Igreja, entretanto buscam Deus de forma sincera e fazem as suas boas ações.¹³⁴

Assim, viver o mistério da Igreja (LG I), como povo de Deus (LG II), na busca da santidade (LG V), com perspectivas escatológicas (LG VII), é condição universal para quem quer ser Igreja de Cristo. Ao mesmo tempo que exercer o ministério ordenado (LG III) ou viver no mundo como leigo cristão (LG IV), ou professar a radicalidade do batismo por meio dos conselhos evangélicos (LG VI) são dons particulares que o Espírito Santo distribui ‘individualmente e cada um como lhe apraz... para a utilidade comum’ (1Cor 12, 11.7). Maria (LG VIII), *de maneira absolutamente singular*, íntegra, na perfeição da caridade (cf. LG 39), as duas dimensões, pois, ‘na Santa Igreja ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós’ (LG 54), e glorificada se torna ‘imagem e primícias da Igreja’ (LG 68).¹³⁵

Na perspectiva da fé, o povo de Deus, tem como origem e alimento o Espírito de Deus, desde que esteja sendo guiado pelo magistério, ele

¹³² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 31; LG 14.

¹³³ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 32-33; LG 15.

¹³⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 34-35; LG 16.

¹³⁵ CAVACA, Osmar. A Igreja, povo de Deus em comunhão. In: In: ALMEIDA João C. et al. (Org.). **As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida: Santuário, 2013. p. 101-136. p. cit. 104, grifo do autor.

não receberá uma palavra humana, mas sim a palavra de Deus na Igreja.¹³⁶

O primeiro capítulo da *Lumen Gentium* retrata sobre o “mistério da Igreja” e o segundo sobre o “Povo de Deus”, entretanto, assim como na constituição dogmática, este trabalho, busca manter a unidade entre eles. Deste modo, se supera uma visão fechada de uma Igreja meramente institucional e se reconhece uma Igreja, Mistério e Povo de Deus, como lugar da experiência com Deus.¹³⁷

Todos os que fazem parte da Igreja tem um chamado universal, que conta com uma profunda e íntima experiência com Deus, o chamado a santidade. Conforme o homem vive sua fé, mais quer se aproximar de Deus, não para se tornar outro “deus”, mas para que alcance a comunhão com Ele, ser sinal da sua presença no mundo. Deste modo, a Constituição dogmática *Lumen Gentium* dedica um capítulo para tal temática, bem como sua relação com a Igreja.

2.4 A IGREJA COMO CAMINHO DE SANTIDADE

É necessário ter clareza de que a santidade na Igreja não é um chamado a uma elite ou algum grupo específico. Trata-se de uma vocação a todos os homens, pois floresce em todas as condições. Durante a história percebe-se que a santidade era reservada aos monges, pastores e a alta hierarquia, e a comunidade dos fiéis tinha a função de encaminhar tais cristãos para suas vocações, enquanto os fiéis cumpriam suas exigências para o mundo.¹³⁸

A Constituição *Lumen Gentium* apresenta no seu quinto capítulo a temática: “Vocação universal à santidade na Igreja”.¹³⁹ Pois se Cristo amou a Igreja como sua esposa, se entregou por ela a fim de torná-la santa¹⁴⁰, os que são seus membros são chamados à mesma vocação: à santidade.

A intenção do capítulo é mostrar que o chamado à santidade é uma vocação para todos os cristãos, sendo assim, está dividido da seguinte

¹³⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 27; LG 12.

¹³⁷ HACKMANN, 2013, p. 128.

¹³⁸ LABOURDETTE, M. A Vocação universal à santidade. In: BARAÚNA, Guilherme (dir.). **A IGREJA DO VATICANO II**. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 1057-1068. p. cit. 1057.

¹³⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 85.

¹⁴⁰ Ef 5, 25,26.

maneira: chamamento à santidade¹⁴¹; Cristo, mestre e modelo de perfeição¹⁴²; a santidade nos diversos estados de vida¹⁴³ e por fim, os conselhos evangélicos.¹⁴⁴ É possível perceber já na estrutura do capítulo que a santidade não é voltada a um grupo da Igreja, mas realmente um chamado universal.

A *Lumen Gentium* quebra o monopólio da santidade, que era entendida como reservada a alguns. Abre as possibilidades do cultivo espiritual, pois todos são chamados à santidade.¹⁴⁵

Por isso, todos na Igreja, quer pertençam à hierarquia quer façam parte de grei, são chamados à santidade segundo a palavra do Apóstolo: ‘Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação’ (1Ts 4,3; cf. Ef 1,4). Esta santidade da Igreja manifesta-se incessantemente e deve manifestar-se nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis.¹⁴⁶

Deste modo, a Igreja é a Igreja dos santos, ou seja, de todos os homens que se esforçam e procuram viver o seu batismo e fazer parte dos membros do Corpo Místico de Cristo. Claramente, a Igreja é feita por pecadores e reconhece essa realidade, entretanto, ela se esforça sempre para tornar-se cada vez mais de Deus.¹⁴⁷

A Igreja é santa naquilo que recebeu e continua recebendo de Deus. O depósito da fé, os sacramentos, a fé, o Evangelho e os ministérios correspondentes são princípios formais que constituem a Igreja como princípio universal de salvação. Essa é a santidade, que não se baseia nas pessoas, mas nos instrumentos pelos quais Deus santifica a comunidade eclesial.¹⁴⁸

Para que a comunidade dos fiéis busque e viva o chamado à santidade é necessário que possua um modelo. Deste modo, Cristo é o modelo para tal chamado, ou seja, é por meio da vivência da fé no Cristo, presente na Igreja, que o ser humano poderá buscar a santidade em sua vida.

¹⁴¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 85; LG 39.

¹⁴² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 86; LG 40.

¹⁴³ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 88; LG 41.

¹⁴⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 92; LG 42.

¹⁴⁵ LIBÂNIO, 2005, p. 141-142.

¹⁴⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 85; LG 39.

¹⁴⁷ HACKMANN, 2013, p. 109.

¹⁴⁸ HACKMANN, 2013, p. 109.

O Senhor Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a todos e a cada um dos seus discípulos, de qualquer condição que fossem, a santidade de vida, de que ele próprio é autor e consumidor: ‘Sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celeste’ (Mt 5,48). Enviou a todos o Espírito Santo para os mover interiormente a amarem a Deus com todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças (cf. Mc 12,30) e a amarem-se uns aos outros como Cristo os amou (cf. Jo 13,34; 15,12).¹⁴⁹

Sendo assim, a Igreja mostra-se como um lugar para a vivência da santidade, pois como é fruto da Santíssima Trindade, por meio dela os cristãos conseguem perseverar nos mandamentos de Cristo, amando-o com todo o seu Ser e amando o próximo, buscando e vivendo uma vida de santidade tendo como modelo único e perfeito, o Cristo.

Entretanto, o Cristo é o modelo para os diversos estados de vida. Sejam os bispos e os presbíteros, sejam os ministros de ordem inferiores, como também os cônjuges, os pais cristãos ou todos os fiéis, todos estes devem santificar-se diariamente, nas suas condições de vida, com suas preocupações e problemas.¹⁵⁰

O mistério de Deus é oferecido a todos e nenhum tipo de vida é, em si, um impedimento intransponível à mais alta participação deste mistério. De resto, a santidade é, em cada um, uma doação que responde a um desejo da livre vontade divina a uma vocação que não pode ser senão pessoal e cuja resposta é também pessoal.¹⁵¹

Por meio da Igreja todos recebem este chamado à santidade, seguindo o modelo do Cristo. A *Lumen Gentium*, terminando o quinto capítulo, apresenta a temática dos conselhos evangélicos. Neste último ponto não se trata de mostrar a possibilidade de santidade em diversas condições de vida, mas sim, quais são os grandes meios exemplares para viver esta vocação.¹⁵²

¹⁴⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 86; LG 40.

¹⁵⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 88-92; LG 41.

¹⁵¹ LABOURDETTE, 1965, p. 1064.

¹⁵² LABOURDETTE, 1965, p. 1066.

A caridade é o dom necessário e mais importante para viver uma vida santa. Consiste em amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como Jesus amou. Salienta-se que este dom é proveniente, assim como todos os demais, do próprio Deus. A *Lumen Gentium* recorda que para viver e frutificar este dom, os homens são chamados a escutar a palavra de Deus, colocando-a em prática; aproximar-se dos sacramentos, de modo especial da Eucaristia; viver uma vida de oração; renunciar a si mesmo procurando dedicar-se ao serviço em vista do bem do próximo, além de procurar viver uma vida com o exercício das virtudes.¹⁵³

Dentre os conselhos evangélicos, são destacados pela constituição: o martírio, a virgindade e a pobreza. Estes são relacionados com o Cristo, pois o discípulo se assemelha a Ele, entregando a sua vida no martírio. Aqueles que recebem o dom de Deus para viver a virgindade ou o celibato, consagrando-se inteiramente ao Senhor, servindo à Igreja. E ainda, os que conseguem viver mais proximamente o despojamento do Senhor, renunciando à sua vontade própria, abraçando a pobreza.¹⁵⁴

Assim, todos os fiéis são convidados e obrigados a tender para a santidade e perfeição do estado próprio. Cuidem, por isso, todos, de orientar retamente os seus afetos, não vá o uso das coisas mundanas e o apego às riquezas, contrário ao espírito de pobreza evangélica, impedi-los de alcançarem a caridade perfeita.¹⁵⁵

Todos os fiéis são chamados a viver esta vocação, que necessariamente é um caminho para viver uma experiência cristã de Deus. A Igreja como mistério, formando o Povo de Deus, oferece àqueles que seguem o Cristo os meios para viver e alcançar uma vida santa, independente da condição do homem ou da mulher.

Portanto, o ser da Igreja faz com que os seres humanos tenham uma experiência cristã de Deus, ao se tornarem parte da Igreja, membros do povo de Deus. Mas tornar-se membro da Igreja, não é suficiente, é necessário agir. Como afirma São Tiago: “A fé sem obras é morta.”¹⁵⁶ Deste modo, os homens e mulheres que têm experiências com Deus, são convidados pela Igreja, a agir no mundo.

¹⁵³ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 93; LG 42.

¹⁵⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 93 - 95; LG 42.

¹⁵⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 95-96; LG 42.

¹⁵⁶ Tg 2, 26.

3 O AGIR DA IGREJA COMO EXPERIÊNCIA DE DEUS NA ÓTICA DA *GAUDIUM ET SPES*

O presente trabalho não se limita a reconhecer somente o ser da Igreja, mas estende-se até reconhecer o agir da Igreja como experiência de Deus na ótica da *Gaudium et Spes*, ou seja, reconhece que a experiência não acontece somente quando se faz parte da Igreja, mas também quando, junto com Ela e por meio d'Ela, se coloca em ação no mundo.

No que diz respeito à *Gaudium et Spes* afirma-se que a:

Gaudium et Spes leva a marca do Concílio Vaticano II tal como o imaginou João XXIII: a pastoral pensando a inserção da Igreja no mundo atual, promovendo seu aggiornamento, para que ela volte a ser significativa na vida da pessoa humana contemporânea. Paulo VI também o afirma, ao ver o documento provocar a reintrodução da Igreja na sociedade contemporânea.¹⁵⁷

A Igreja do Vaticano II quis estar no mundo, na qualidade de serva da humanidade. Do mesmo modo que a *Lumen Gentium* é a reflexão sobre o ser da Igreja, a *Gaudium et Spes* busca ser uma reflexão interrogativa que a Igreja fez a si mesma sobre sua missão no mundo. O documento soa como uma súplica da parte dos padres conciliares para que a Igreja possa ser testemunha de compromisso e de esperança para com a vida de todas as pessoas e povos.¹⁵⁸

A *Gaudium et Spes* é uma constituição pastoral. É chamada pastoral porque ao fundamentar-se em princípios doutrinários, tem o objetivo de expor as relações da Igreja com o mundo e os homens.¹⁵⁹

O documento é dividido em duas partes: a primeira intitula-se *a Igreja e a vocação do homem*; tem o objetivo de expor a doutrina da Igreja sobre o homem, o mundo e a relação entre eles. Já a segunda parte tem

¹⁵⁷ MANZATTO, Antônio. Fundamentos teológicos da *Gaudium et Spes*. **Revista de Cultura Teológica**: PUC/SP, São Paulo, v. 17, n. 68. Jul/Dez 2009. p. 78.

¹⁵⁸ MANZINI, Rosana. Igreja em Diálogo com o mundo moderno: *Gaudium et Spes*. In: ALMEIDA, João C. et al. (org.). **As janelas do Vaticano II**: a Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida: Santuário, 2013. p. 211-240. p. cit. 218.

¹⁵⁹ HACKMANN, 2005, p. 667.

como título *alguns problemas mais urgentes*, tendo como finalidade apresentar vários aspectos da vida e das sociedades contemporâneas, sobretudo os que são mais urgentes.¹⁶⁰ Salienta-se que o presente capítulo se desenvolverá através do próêmio, da introdução e da primeira parte da Constituição Pastoral, pois é por meio deles que é possível procurar respostas e ações para os problemas urgentes abordados na segunda parte da constituição.

A Igreja é chamada a agir no mundo, e conseqüentemente aqueles que fazem parte dela, farão parte desta ação. Mas qual é a relação entre a experiência cristã de Deus e o agir?

Se a experiência de Deus vai até as raízes de nosso ser, ela deve nos transformar em profundidade e, através de nós, transformar o meio ambiente. Gerando um novo ser, a experiência cristã gerará necessariamente um novo agir.¹⁶¹

Portanto, quando alguém faz parte da Igreja, é um membro do corpo místico de Cristo, assim como todo o povo de Deus, ele irá agir no mundo como membro da Igreja. Aquele que agir em nome de Cristo irá render frutos e como disse o próprio Senhor: “Pelos seus frutos os conhecereis.”¹⁶² Deste modo, aquele que faz a experiência com Deus, por meio da Igreja, poderá produzir bons frutos e será reconhecido como discípulo de Jesus ou irá produzir maus frutos e não terá conhecido verdadeiramente o Mestre.¹⁶³

O agir cristão é decorrência da fé. A lógica desta ação se dá no seguinte modo: em primeiro lugar vem a Revelação de Deus, que por meio da fé é experienciada pessoalmente e na Igreja; posteriormente vem o agir, amando o próximo, sendo que por meio deste ato o homem reafirma o amor a Deus. Contudo, não se deve transformar a vivência da fé somente em ações, pois seria minimizar a fé, de outro modo não se pode desvincular o agir cristão da experiência de Deus.¹⁶⁴

Deste modo, a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, com o tema a Igreja no mundo atual, tem a compreensão de que a história é o lugar

¹⁶⁰ HACKMANN, 2005, p. 667.

¹⁶¹ BOFF, 2017, p. 43.

¹⁶² Mt 7, 16.

¹⁶³ BOFF, 2017, p. 43.

¹⁶⁴ BOFF, 2017, p. 46.

em que a própria revelação se constitui como revelação feita ao homem. Há uma mudança histórica na relação da Igreja com o mundo.¹⁶⁵

A história da humanidade vivida em cada pessoa, com sua luta diária, torna-se lugar onde ocorre a salvação. O lugar teológico, assumido pelo Concílio, é exatamente ali onde a dignidade humana é respeitada por todas as pessoas. É o lugar do Reino onde o Espírito de Deus se faz presente. É na vida plena de cada pessoa que podemos reconhecer o Deus da Revelação.¹⁶⁶

De modo especial a *Gaudium et Spes*, por ser de cunho pastoral, volta o seu olhar para a realidade. Sobre esta perspectiva, é necessário entender como tal documento compreende a relação do homem e da Igreja com o mundo atual.

3.1 O HOMEM E A IGREJA NO MUNDO ATUAL

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* inicia com estas palavras:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. E não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do Reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história.¹⁶⁷

¹⁶⁵ VELASCO, 1996, p. 297-298.

¹⁶⁶ MANZINI, 2013. p. 220.

¹⁶⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2014. p. 540; GS 1.

O homem está inserido no mundo. Todo aquele que professa a fé no Cristo é chamado a se integrar nos problemas da realidade do mundo, assim como todos os homens. Entretanto o cristão é chamado a ser fermento no mundo tal como fez Jesus Cristo, trabalhando para que aconteça o progresso na sociedade, guiados pelo Espírito Santo.¹⁶⁸

Contudo, vale destacar para quem o Concílio, por meio da *Gaudium et Spes* se dirige:

Por isso, o Concílio Vaticano II, tendo investigado mais profundamente o mistério da Igreja, não hesita agora em dirigir a sua palavra, não já apenas aos filhos da Igreja e quantos invocam o nome de Cristo, mas a todos os homens, e deseja expor-lhes o seu modo de conceber a presença e atividade da Igreja no mundo de hoje.¹⁶⁹

É claro que a vivência da fé dos homens, enquanto experiência de Deus, acontece quando se está em comunhão com a Igreja. Desta forma, quando a Igreja se propõe a agir no mundo, todos os fiéis também são convidados a fazer o mesmo, levando sempre em consideração a ideia de Igreja como comunidade de crentes, ou seja, além de comungar na mesma fé, buscar colocar em prática no mundo aquilo que professa.

A partir da *Gaudium et Spes* a Igreja reencontra o seu caminho de ação ao reencontrar-se com a sociedade atual. Afinal de contas, se a comunidade eclesial é constituída como povo de Deus, homens e mulheres, as suas preocupações são também as preocupações da Igreja. Além disso, a Igreja como discípula de Cristo foi enviada, em primeiro lugar, aos pobres e a todos os que sofrem, esses são os primeiros destinatários da mensagem e da ação da Igreja.¹⁷⁰

A palavra que a Igreja tem a dizer para os homens na atualidade é ser fiéis a Jesus Cristo. É o anúncio de Jesus que a Igreja tem como missão levar ao mundo. Não cabe à Igreja criar uma mensagem, nem se auto anunciar e nem se adequar ao hoje traindo a Palavra de Deus encarnada

¹⁶⁸ TEPEDINO, Ana Maria. A antropologia da *Gaudium et Spes*: uma abordagem a partir da prática pastoral. In: AGOSTINI, Frei Nilo (org.). **Revelação e História**: uma abordagem a partir da *Gaudium et Spes* e da *Dei Verbum*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 173-184. p. cit. 174.

¹⁶⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 540; GS 2.

¹⁷⁰ MANZATTO, 2009, p. 78.

na pessoa de Jesus de Nazaré. A Igreja deve mostrar fidelidade ao projeto do Reino de Deus, anunciando o caminho da salvação da humanidade, que é Jesus.¹⁷¹

A *Gaudium et Spes* compreende a ação da Igreja no mundo como ação de todos os cristãos. Como já dito anteriormente, a ideia de eclesiologia é diferente daquela clássica, que privilegiava a instituição hierárquica:

A categoria de povo de Deus tornou-se a chave eclesiológica do Concílio. A Igreja passa a ser pensada preferencialmente não como instituição, embora ela também o seja, mas como acontecimento salvífico da Graça de Deus em Cristo. No centro dessa eclesiologia, estão os bens do Reino aos quais todos os cristãos são chamados: a fé, a missão no mundo, a busca da santidade, a comunhão com Deus, em Cristo, pelo Espírito.¹⁷²

Deste modo, todos são chamados a ser sujeitos na Igreja, Povo de Deus a caminho do Reino. Aqui a hierarquia tem seu lugar e seu serviço a realizar para o bem de toda a Igreja, como também os leigos, cada qual segundo seu estado, seus dons e seu ministério.¹⁷³

Desta forma, todos na Igreja podem realizar por meios concretos a sua fé, não de forma distante, mas presente no mundo hodierno:

A Igreja, simultaneamente *agrupamento visível e comunidade espiritual*, caminha juntamente com toda a humanidade, participa da mesma sorte terrena do mundo e é como que o fermento e a alma da sociedade humana, a qual deve ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus.¹⁷⁴

Sendo assim, o mundo e a sociedade humana não são realidades estranhas à Igreja, pelo contrário, fazem parte da sua própria definição como lugar da autorrealização e de sua missão.

É importante salientar que a *Gaudium et Spes* não tem a intenção de separar a Igreja do mundo, pelo contrário, a constituição pastoral promove uma redescoberta do mundo como um ambiente em que

¹⁷¹ MANZATTO, 2009, p. 79.

¹⁷² MANZATTO, 2009, p. 88.

¹⁷³ MANZATTO, 2009, p. 89.

¹⁷⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 584; GS 40, grifo do autor.

acontece o plano da ação de Deus. A Igreja é um lugar da experiência com Deus, sendo assim o mundo também é lugar de tal experiência. Não se trata de serem duas economias da salvação. A história da salvação acontece em dois planos, a Igreja como um plano menor e o mundo como um plano maior.¹⁷⁵

Esta concepção do mundo como plano salvífico não foi sempre aceita pela Igreja. Durante o período da Idade Média havia uma grande dificuldade de relacionamento entre a Igreja e o mundo. O mundo deveria estar sob a tutela da Igreja, caso contrário seria condenado, entendido como lugar do pecado. Essa compreensão da Igreja sobre o mundo a impossibilitava de ver a bondade da criação e de ser fermento no mundo.¹⁷⁶

Atualmente a constituição pastoral compreende o mundo como o gênero humano e a sua história, ou seja a Igreja está dentro do mundo, não é oposição e não está fora dele.¹⁷⁷

Ao ajudar o mundo e recebendo dele ao mesmo tempo muitas coisas, o único fim da Igreja é o advento do Reino de Deus e o estabelecimento da salvação de todo o gênero humano. E todo o bem que o povo de Deus pode prestar à família dos homens durante o tempo da sua peregrinação terrena deriva do fato que a Igreja é o ‘sacramento universal da salvação’, manifestando e atuando simultaneamente o mistério do amor de Deus pelos homens.¹⁷⁸

Deus não necessita para si de pessoas e coisas. Ele necessita de representantes seus no mundo, lugar onde se verifica a autêntica experiência de Deus, onde ela se faz verdade.¹⁷⁹ Deus está no mundo e na cultura técnico-científica, mas silenciado. Entretanto, as possibilidades que se abrem ao ser humano não satisfazem o impulso de abertura do homem. Isso explica a ânsia humana por novos mundos, novas

¹⁷⁵ FELLER, Vitor G. Do poder à quênose – a Igreja da Gaudium et Spes. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, ano 20, n. 3, p. 5-23, 2005. p. 10.

¹⁷⁶ FELLER, 2005, p. 10.

¹⁷⁷ ALMEIDA, 2005, p. 167.

¹⁷⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 594; GS 45, grifo do autor.

¹⁷⁹ SOBRINO, 1992. p. 105.

interpretações, contestando modelos sociais em busca do sentido de sua vida.¹⁸⁰

Em resposta a esta busca por sentido de vida, a *Gaudium et Spes*, vai afirmar que somente Deus pode conceder uma resposta clara aos questionamentos humanos, através da revelação de seu Filho feito homem. “Todo aquele que segue Cristo, o homem perfeito, torna-se mais homem.”¹⁸¹

Destaca-se que atualmente, o homem cheio de admiração e novas descobertas, pode levantar questões sobre a evolução do mundo atual, sobre o seu lugar e a sua missão no universo e inclusive sobre o destino das criaturas e de si próprio.¹⁸² Todos esses questionamentos podem ser levantados quando não existe a experiência com Deus, pois por meio desta experiência o homem possui a verdade de sua fé.

Dentro desta perspectiva da Igreja como mistério, procurando dar respostas às realidades hodiernas, pode-se pensar que tenha intenção terrena de iludir ou enganar o homem. Entretanto, existe um único objetivo: “Continuar, sob a direção do Espírito Paráclito, a obra de Cristo, que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, não para julgar mas para salvar, não para ser servido, mas para servir.”¹⁸³

A Igreja possui esta missão a ser vivida, sendo assim, todos os que fazem parte dela possuem a mesma missão, pois como já foi visto no ser da Igreja à luz da *Lumen Gentium*, a Igreja é Corpo Místico de Cristo, consequentemente todos os membros são chamados a fazer sua parte nesta missão.

Discípula do Cristo, a Igreja se compreende não como a única destinatária da Salvação, mas como mediação para que ela alcance todos os povos e toda a humanidade. É a compreensão da Igreja como Sacramento de Salvação, sinal de que a salvação de Deus acontece para a humanidade e caminho para que esta encontre sua plenitude em Cristo.¹⁸⁴

Deste modo, a missão da Igreja é agir para que o mundo e os homens conheçam a salvação que vem de Deus. Os cristãos iluminados

¹⁸⁰ BOFF, 2011, p. 44-45.

¹⁸¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 586; GS 41.

¹⁸² CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 541; GS 3.

¹⁸³ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 541-542; GS 3.

¹⁸⁴ MANZATTO, 2009, p. 87.

pela Igreja buscam viver a sua primeira vocação, que é o chamado a santidade. Para viver esta vocação é necessário ter como modelo o Cristo, encontrado e experienciado na Igreja, colocando os ensinamentos d'Ele em prática. Assim sendo, a *Gaudium et Spes* ressalta a condição do homem no mundo de hoje chamando-o a viver como discípulos de Cristo.

3.2 A IGREJA E A VOCAÇÃO CRISTÃ

O chamado que a Igreja faz aos homens para viver uma vocação cristã, foi feito pelo próprio Cristo: “Segue-me”¹⁸⁵. Paulo recorda a necessidade de seguir os passos de Cristo quando afirma: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus”¹⁸⁶. Coube à Igreja ressoar o chamado de seguir os mesmos passos do Senhor, viver uma experiência cristã de Deus.

Deste modo, para que o homem viva uma vocação cristã é necessário que ele assuma a continuidade da obra de Cristo. É preciso que a Igreja propicie o encontro com Cristo que dá origem à vocação cristã. Esse encontro deve ser renovado pelo testemunho, pelo anúncio do querigma e pela ação missionária da comunidade.¹⁸⁷

A Igreja tem essa missão, auxiliar com respostas de como dar continuidade aos ensinamentos de Cristo interpretando os sinais do tempo à luz do Evangelho.¹⁸⁸

As razões do comportamento e da ação da Igreja no mundo não são, por isso, de natureza sociológica, ideológica ou meramente ética, mas sim teológicas. A fonte da ação da Igreja se encontra em Deus mesmo, no seu comportamento, na sua maneira de ser. E essa será uma das grandes novidades trazidas pelo Concílio, embora se enraíze no próprio Evangelho: a escuta da Palavra de Deus e a experiência da vivência de seu mistério dentro da história exige um olhar atento sobre a

¹⁸⁵ Mt 9,9

¹⁸⁶ Fl 2,5

¹⁸⁷ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. CNBB: Brasília, 2008. p. 129. DAp 278b.

¹⁸⁸ OLIVEIRA, Ionilton L. A vocação cristã na *Gaudium et Spes*. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, ano 20, n. 3, p. 25 - 39, 2005. p. 27.

realidade, sobre o ser humano, sua criatura e ser parceiro na Aliança.¹⁸⁹

Por meio da Igreja, que buscará interpretar e conceder respostas aos questionamentos, o homem poderá e deverá viver como um autêntico membro da Igreja.

A partir da constituição *Gaudium et Spes* a vocação cristã deve salvaguardar e fomentar a sublime dignidade da pessoa humana. Para a Igreja a pessoa é o centro do diálogo com o mundo, ou seja, é por meio dos cristãos que a Igreja dá respostas ao mundo.¹⁹⁰

Não é possível viver a fé cristã sem se preocupar com a dignidade da pessoa humana. Todo o processo histórico vivido pelos homens influencia a fé dos homens, levanta questionamentos.

A transformação rápida que o mundo viveu deve-se à evolução da inteligência humana. Essas mudanças vieram tão rápido que acabou desencadeando uma grande crise de crescimento.¹⁹¹ Mas quais são estas evoluções que se vivem atualmente que precisam de respostas para que o homem viva a sua fé?

A Igreja reconhece que nunca na história houve tamanha diferença entre os homens. Alguns com forte poder aquisitivo e certo acúmulo de riqueza enquanto outros homens, em sua grande maioria, estão vivendo atormentados pela fome e a pobreza. Homens que buscam a sua liberdade podendo gerar grandes conflitos políticos, sociais, econômicos, raciais e ideológicos, a ponto de desencadear guerras.¹⁹²

A *Gaudium et Spes* reconhece que a humanidade passa por grandes transformações, deixa de ter uma concepção estática da ordem das coisas e passa para uma concepção dinâmica, destacando os progressos científicos, biológicos e psicológicos ao ponto de que o próprio homem não consegue acompanhar tal evolução.¹⁹³

Entretanto, toda essa evolução pela qual a humanidade passou e passa, faz com que consequências venham à tona, como por exemplo, as transformações religiosas. Sobre isto, destaca-se:

¹⁸⁹ MANZATTO, 2009, p. 87.

¹⁹⁰ MANZINI, 2013, p. 222.

¹⁹¹ MOOY, Suitberto. **Atualização da Igreja**: comentário sobre a constituição “*Gaudium et Spes*”. Belo Horizonte: Promoção-da-Família. 1970. p. 19.

¹⁹² CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 543; GS 4.

¹⁹³ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 544; GS 5.

Por um lado, um sentido crítico mais apurado purifica-a da concepção mágica do mundo e de certas sobrevivências supersticiosas, e exige cada dia mais uma adesão pessoal e operante da fé; desta maneira, muitos chegam a um sentido mais vivo de Deus. Mas, por outro lado, massas crescentes praticamente se afastam da religião.¹⁹⁴

Este é um dado apresentado pela constituição que é importante ser ressaltado, pois traz consequências para o modo de viver uma vocação cristã ou para a vivência da fé em Deus.

É possível compreender que a vivência da fé, na atualidade, precisa ser mais clara, é necessário purificar a vida religiosa de uma concepção mágica do mundo e de superstições espalhadas entre aqueles que creem, é necessário viver a fé de maneira autêntica e pessoal. Em contrapartida, é possível encontrar os que se afastam da religião, os ateus práticos, estes não sentem ódio por Deus ou pela religião em si, mas simplesmente não acreditam porque estes não lhes significam nada. E ainda aqueles que não são totalmente ateus, porque não aceitam o Deus apresentado tradicionalmente.¹⁹⁵

Diante da crescente corrente do ateísmo, a constituição busca dar suas resposta e o presente trabalho também o relata, pois através do ateísmo se nega até mesmo a experiência religiosa.

A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, e por ele, por amor, constantemente conservado; [...] Porém, muitos dos nossos contemporâneos não atendem a esta íntima e vital ligação a Deus, ou até rejeitam explicitamente.¹⁹⁶

Portanto, o ateísmo prático é uma linha de raciocínio presente no mundo e que merece respostas por parte da Igreja. Pois é missão da Igreja e dos cristãos anunciarem o Cristo que afirma: “Eu sou o Caminho, a

¹⁹⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 546; GS 7.

¹⁹⁵ MOOY, 1970, p. 23.

¹⁹⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 558; GS 19.

Verdade e a Vida”¹⁹⁷ e este anúncio só pode ser feito por aqueles que verdadeiramente tenham feito uma experiência cristã de Deus.

A *Gaudium et Spes* recorda diversos tipos de ateísmos: aqueles que negam a Deus; aqueles que pensam que o homem não pode pensar em Deus; outros reduzem Deus a algo insignificante; outros tentam explicar tudo pela ciência, não admitindo nenhuma verdade absoluta; alguns até concebem um Deus, mas totalmente contrário ao Evangelho e por fim muitos afirmam seres ateus por não compreenderem o mal no mundo, negando a existência de Deus.¹⁹⁸

Entretanto, é importante salientar que a constituição não relata somente possíveis causas do ateísmo, mas afirma que a Igreja não está imune deste processo que originou o ateísmo. Dentre as mais variadas causas, a Igreja pode ter contribuído por meio do mau exemplo dos crentes quando negligenciaram a educação na fé cristã, quando levaram para a frente afirmações errôneas da doutrina ou pelo mau testemunho da sua vida religiosa, moral e social, não mostrando o verdadeiro e autêntico rosto de Deus.¹⁹⁹

A finalidade do ateísmo, na negação de Deus, consiste na liberdade do homem, que não mais precisará ter Deus como fim último, mas a si próprio, sendo o autor e artífice da sua própria história.²⁰⁰

No entanto, a Igreja deve possuir uma atitude diante do ateísmo, principalmente porque esta corrente entende a concepção de Deus como contrária à dignidade humana, por estabelecer princípios que limitariam a liberdade humana.

A Igreja defende que o reconhecimento de Deus de modo algum se opõe à dignidade do homem, uma vez que esta dignidade se funda e se realiza no próprio Deus. [...] Ensina, além disso, a Igreja que a importância das tarefas terrenas não é diminuída pela esperança escatológica, mas que esta antes reforça com novos motivos a sua execução.[...] Quanto ao remédio para o ateísmo, ele há de vir da conveniente exposição da doutrina e da vida íntegra da Igreja e dos seus membros. Pois a Igreja deve tornar presente e como que visível a Deus Pai

¹⁹⁷ Jo 14,6

¹⁹⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 559; GS 19.

¹⁹⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 559-560; GS 19.

²⁰⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 560; GS 20.

e a seu Filho encarnado, renovando-se e purificando-se continuamente sob a direção do Espírito Santo.²⁰¹

Mesmo diante de diversas formas do ateísmo, que contrariam todas as formas possíveis de experiências religiosas, o chamado que a Igreja faz aos seus membros é a vivência de uma autêntica vocação cristã, porque por meio dela, o agir dos cristãos demonstra uma experiência cristã de Deus e responde aos questionamentos do ateísmo.

O homem no mundo atual se depara com diversas situações que se colocam em conflito, certezas tornaram-se dúvidas ou negações, bem como a busca pela liberdade de seus desejos faz com que ele se questione desencadeando discórdias na sociedade. Neste meio, a Igreja, professando a fé em Jesus Cristo e iluminada pelo Espírito Santo, quer mostrar aos homens a centralidade de Cristo, além de iluminar os questionamentos do homem, ou seja, a Igreja ampara o homem na busca de suas respostas, o ajuda na vivência da sua fé.²⁰²

Ela, movida pelo Espírito Santo e baseando-se nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações atuais dos homens, quer iluminá-los acerca dos sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus quanto à vocação integral do homem em seu mundo. Assim ela, o Povo de Deus que se entrosa no mundo, com os outros homens vivendo uma sociedade humana, pretende esclarecer todas as coisas com a luz antiga e sempre nova da fé, sob o impulso do Espírito Santo que nos foi dado.²⁰³

Deste modo, por meio da constituição pastoral, a Igreja corrige uma compreensão espiritualista da salvação cristã que perdeu por muito tempo no cristianismo, que separava graça e natureza, vida cristã e vida cotidiana, Igreja e sociedade. A fundamentação que justifica o elo entre a fé cristã e a humanidade é justamente a encarnação de Jesus Cristo.²⁰⁴

²⁰¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 561-562; GS 21.

²⁰² CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 549 - 550; GS 10.

²⁰³ MOOY, 1970, p. 37.

²⁰⁴ MIRANDA, Mario de França. Igreja e sociedade: da Gaudium et Spes a nossos dias. In: FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). **Gaudium et Spes em questão**: reflexões bíblicas, teológicas e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 169-180. p. cit. 178.

Diante desta mudança de concepção da Igreja, é possível afirmar que a Igreja inserida na sociedade, agindo na história, é lugar da experiência de Deus.

Por meio de Cristo, presente na Igreja, o homem pode fazer uma experiência de Deus. “Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime.”²⁰⁵ Ou seja, o Cristo não só assumiu a condição humana, mas mostrou ao longo dos seus dias como viver os ensinamentos que Ele pregava.

Uma outra perspectiva importante a ser destacada sobre a missão da Igreja em prol da vocação cristã é formar comunidade. Evidencia-se várias consequências positivas e necessárias da vivência em comunidade para uma experiência cristã de Deus.

Ao criar o homem à sua imagem e semelhança, Deus quer fazer uma só comunidade, pois todos são chamados ao mesmo e único fim, o próprio Deus, como disse o próprio Jesus: “A fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.”²⁰⁶

Sabendo da finalidade da criação de Deus, reafirmada por Cristo, explicita-se o porquê do mandamento de amar a Deus e ao próximo ser o primeiro e o maior de todos. Não pode haver separação destas duas formas de amar.²⁰⁷

Para a experiência cristã de Deus, a Igreja deve ser e agir em comunidade:

Desde o começo da história da salvação, ele próprio escolheu os homens, não só como indivíduos, mas como membros de determinada comunidade. [...] Esta índole comunitária aperfeiçoa-se e completa-se com a obra de Jesus Cristo. Pois o próprio Verbo encarnado quis participar da vida social dos homens. [...] Esta solidariedade deve crescer sem cessar, até se consumir naquele dia em que os homens, salvados pela graça, darão perfeita glória a Deus, como família amada do Senhor e de Cristo seu irmão.²⁰⁸

²⁰⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 563; GS 22.

²⁰⁶ Jo 17, 21.

²⁰⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 566; GS 24.

²⁰⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 575; GS 32.

Aqui surge uma resposta para os homens e mulheres que negam a importância da comunidade para viver a fé. É através da caridade com os irmãos que se vive o primeiro mandamento e se experimenta Deus na vivência da vocação cristã, imitando os passos de Cristo.

Viver a vocação cristã é dar testemunho de Cristo. Vivendo os seus ensinamentos, os cristãos anunciam, defendem e buscam viver a Verdade, pois o próprio Cristo declarou ser a Verdade²⁰⁹ e ensinou “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”²¹⁰. Portanto, dar testemunho de uma vocação cristã é viver com coerência o que se prega e o que foi ensinado por Cristo. Esta é a união entre a fé cristã e a vida cotidiana, assim deve ser o agir do cristão, portanto o agir da Igreja.²¹¹

Para que o homem viva a sua fé e se torne um autêntico cristão é necessário que siga e viva os ensinamentos de Cristo, mas não de qualquer forma, deve este ser iluminado pela Igreja. Deste modo, assim como ensina a *Gaudium et Spes*, é necessário entender o papel da Igreja no mundo contemporâneo.

3.3 O PAPEL DA IGREJA

A constituição pastoral *Gaudium et Spes* considera a Igreja no mundo, assim como a *Lumen Gentium* a considera como “assembleia visível e comunidade espiritual”²¹² que caminha junto com toda a humanidade. Portanto, a Igreja experimenta com o mundo a mesma realidade e é como fermento e luz para a sociedade humana visando a renovação e a conversão de todos como família de Deus.²¹³

A Igreja visível torna-se instrumento de Deus para a redenção do mundo. Ela é instrumento como serviço. A Igreja é serva, no sentido de estar a serviço da salvação do mundo.

Deus está presente no mundo não como força dominadora, mas como presença de amor que quer propor à criatura um relacionamento de amor salvífico. Na profissão de fé num Deus que assim age, a Igreja também quer fazer-se presente no

²⁰⁹ Jo 14,6.

²¹⁰ Jo 8, 32.

²¹¹ OLIVEIRA, 2005, p. 27.

²¹² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, p. 13; LG 8.

²¹³ MOOY, 1970, p. 65.

mundo não para dominá-lo, mas para evangelizá-lo.²¹⁴

A Igreja não é uma invenção humana, ela tem sua origem no amor do eterno Pai, fundada por Cristo e reunida graças ao Espírito Santo, para um fim salvífico. Ela não se limita em comunicar à humanidade a vida divina, mas propaga os reflexos da sua luz para todo o mundo, principalmente buscando elevar a dignidade humana, consolidar a comunidade e dar sentido à vida dos homens.²¹⁵

A missão da Igreja é sua própria razão de ser. O mandato do Senhor a impulsiona em direção ao mundo, aos povos e às diversas culturas. A missão da Igreja não é enviá-la a si mesma, nem mesmo anunciar o Evangelho àqueles que já o conhecem. Ela é enviada ao mundo para que todos os homens se tornem discípulos de Cristo, que possam viver a sua experiência cristã de Deus.²¹⁶

Essa é a missão da Igreja no mundo de hoje. Nada mais atual! O anúncio do Evangelho conduz à fé, que leva a pessoa a receber o Batismo. E esta configuração a Cristo, realizada em todo o membro do Povo de Deus pela recepção do Batismo, é aprofundada pela assembleia eucarística dominical. Nesse sentido, pode-se entender a imagem da Igreja como Esposa de Cristo, enquanto é atualização na história de hoje de sua obra de salvação. Para tal, ela é conduzida pelo Espírito Santo. O serviço que a Igreja realiza em Jesus Cristo no amor do Pai, pelo poder do Espírito Santo, é o de universalizar o dinamismo da comunhão no mundo.²¹⁷

Iluminada pelo Evangelho a Igreja tem o papel de iluminar o cristão para agir na história e anunciar o Cristo. Por isso, como afirma a *Gaudium et Spes*, a Igreja pode oferecer ajuda aos indivíduos, pois ela sabe que somente Deus é a resposta das aspirações mais profundas do homem.

A Igreja agindo por meio dos cristãos também quer oferecer ajuda às atividades humanas, pois a distinção entre a vida cristã e a vida terrena

²¹⁴ MANZATTO, 2009, p. 82.

²¹⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 584 - 585; GS 40.

²¹⁶ MANZATTO, 2009, p. 90.

²¹⁷ HACKMANN, 2015, p. 253.

não são mais separação. Sendo assim, os cristãos, como cidadãos, devem cumprir os deveres terrestres iluminados pelo Evangelho. Não é possível negar os deveres da vida terrena, pois todo o cristão que negar ou descuidar dos deveres temporais, faltará com o próximo, e por consequência, com o próprio Deus, colocando em risco a sua salvação.²¹⁸

Vale salientar que no segundo capítulo desta pesquisa, sobre o ser da Igreja, não se tratou propriamente sobre as pessoas que compõem a Igreja, pois compreende-se que o ser da Igreja como um todo agirá em cada uma delas, entretanto faz-se mister a partir da *Gaudium et Spes*, verificar como a Igreja vê o agir dos seus membros:

As tarefas e atividades seculares competem como próprias, embora não exclusivamente, aos leigos.[...] Os leigos, que devem tomar parte ativa em toda a vida da Igreja, não devem apenas impregnar o mundo com o espírito cristão, mas são também chamados a seres testemunhas de Cristo, em todas as circunstâncias, no seio da comunidade humana. Quanto aos bispos, a quem está confiado o encargo de governar a Igreja de Deus, preguem juntamente com os seus sacerdotes a mensagem de Cristo de tal maneira que todas as atividades terrenas dos fiéis sejam penetradas pela luz do Evangelho.²¹⁹

O papel da Igreja é ser sinal de Cristo, e para isso ela precisa contar com os seus membros, desta forma tanto os leigos como os ministros ordenados precisam dar testemunho da fé que professam, mostrar que a vivência da fé na Igreja é o lugar da experiência cristã de Deus.

Outro aspecto importante elencado pela constituição pastoral é que não é somente a Igreja que pode oferecer algo para o mundo contemporâneo, o contrário também pode acontecer. Com a evolução do mundo, a Igreja pode atualizar a mensagem de Cristo por meio de conceitos e línguas dos diversos povos. Fazendo com que a Igreja tenha um papel fundamental de exprimir a mensagem de Cristo para cada nova nação ou cultura que for enviada. A sociedade, em alguns momentos, se colocou contra a Igreja e a existência de Deus, mas isto não afasta a Igreja

²¹⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 589; GS 43.

²¹⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 590-591; GS 43.

destes povos ou sociedades, pelo contrário, a Igreja atualizou-se para poder responder e corresponder a tais argumentos.²²⁰

A Igreja ajuda e recebe do mundo muitas coisas, mas o fim da Igreja é a vinda do Reino de Deus, é a salvação para toda a humanidade. Agindo na história como servidora d'Aquele que é o alfa e o ômega, o centro do ser e do agir da Igreja, Aquele que possibilita uma experiência cristã de Deus, o Cristo. "O Senhor é o fim da história, o ponto para o qual tendem as aspirações da história e da civilização, o centro do gênero humano, a alegria de todos os corações."²²¹

A primeira parte da constituição pastoral tem essa intenção, mostrar como a Igreja entende a situação dela mesma e do homem no mundo, buscando dar respostas aos questionamentos humanos feitos na história, bem como salientar a vocação cristã do homem e o seu papel no mundo, este é o foco principal para o presente trabalho. Em relação à segunda parte:

A Gaudium et Spes estabelece linhas pastorais respondendo à sua missão no mundo: a Igreja deve ser fermento e alma da sociedade, deve santificar/iluminar o mundo e conduzir ao Reino (cf. LG, n. 40). Considera vários aspectos da vida humana e da sociedade contemporânea, respondendo a problemas concretos de maior urgência para a época: matrimônio e família (n. 47-52), progresso cultural (n. 53-62), vida econômico-social (n. 63-72), vida de comunidade política (n. 73-76) e promoção da paz e da comunidade internacional (n. 77-90).²²²

Portanto, a Igreja se apresenta como sacramento universal de salvação. Ela tem como função ser sinal da graça de Deus na história como instrumento de redenção.²²³ Isso só é possível quando a Igreja supera a partir do Concílio a visão de oposição entre a Igreja e o mundo, por meio da *Gaudium et Spes*, procurando dar respostas a vários aspectos da vida humana e da sociedade contemporânea. Deste modo, a

²²⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 592 - 593; GS 44.

²²¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 594; GS 45.

²²² ZANON, Darlei. **Para ler o concílio vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2012. p. 29.

²²³ MANZINI, 2013, p. 225.

constituição pastoral tem uma profunda ligação com a constituição dogmática *Lumen Gentium*, o modo de ser Igreja refletirá no modo de agir da Igreja. As duas constituições são inseparáveis, sendo uma a indicadora da identidade e natureza da Igreja e a outra da missão da Igreja no mundo.²²⁴

Se existe uma ligação profunda entre as constituições, sobre o ser e o agir da Igreja, claramente a experiência cristã de Deus presente numa relaciona-se com a outra. Porque se a Igreja é lugar da experiência de Deus, somente por meio da missão, ela colocará em prática o seu ser. Esta ação se dá por meio das respostas, ações e o serviço que a Igreja presta ao mundo e aos homens sob à luz do Evangelho.

²²⁴ HACKMANN, Geraldo Luiz B. A constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: HACKMANN, G. L. B., AMARAL, M. S. (Org.). **As constituições do Vaticano II**: ontem e hoje. Brasília: CNBB, 2015. p. 237-263. p. cit. 253.

CONCLUSÃO

A partir da problemática proposta no início deste trabalho, é possível afirmar que a Igreja, em seu ser e em seu agir, é lugar da experiência de Deus. Esta afirmação pode ser feita à luz dos documentos conciliares *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*.

Os homens em suas vidas podem viver inúmeras experiências que lhes darão conhecimento prático, em inúmeras situações ou em determinadas ciências. Entretanto, a experiência com Deus se relaciona com toda a existência do homem, pois ela leva em consideração a cultura, a história, todo o ambiente em que ele está inserido, haja vista que a experiência cristã de Deus é entendida como a vivência da fé.

Compreende-se que a experiência cristã de Deus é fundada a partir da encarnação do Cristo, entende-se que só farão tal experiência aqueles que professarem a sua fé n'Ele. Deste modo, a Igreja é o local para se viver a fé no Cristo, por ser nela que subsistem todos os elementos da Igreja de Cristo, isto é importante ser salientado pois não é intenção do trabalho dizer que a Igreja Católica é o único lugar para experimentar Deus, pelo contrário, outras Igrejas possuem elementos da Igreja de Cristo, bem como a experiência cristã de Deus pode ir além da Igreja. Contudo, a intenção é afirmar a Igreja como lugar da experiência de Deus, à luz da *Lumen Gentium* e da *Gaudium et Spes*.

A Igreja, em seu ser, é lugar da experiência de Deus. A *Lumen Gentium* recorda isto quando afirma que a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, é sacramento, sinal da presença de Deus, além de ser instrumento da união íntima com Deus do ser humano.

A *Lumen Gentium* recorda e afirma que a Igreja é o Corpo Místico de Cristo, esta compreensão transparece como uma comunidade de fé, que vive melhor o mistério da Igreja, pois por meio do Batismo os cristãos formam um só corpo. Assim como o Batismo acontece por meio do Pai e do Filho e do Espírito Santo para se tornar membro deste Corpo Místico, a Igreja também nasce da santíssima Trindade.

É de extrema importância ressaltar que assim como a Igreja entende-se como Povo de Deus, a partir do segundo capítulo da *Lumen Gentium*, a experiência cristã de Deus na Igreja não está voltada somente a uma parcela da Igreja ou algum grupo, pelo contrário todos recebem dons, carismas e ministérios e consequentemente todos podem fazer a sua experiência cristã de Deus. Portanto, o povo de Deus é o povo que é rico dos dons do Espírito Santo.

Esta Igreja que é Povo de Deus e é Mistério, convida os seus membros a viverem uma vocação em comum, a santidade. Somente

vivem este chamado aqueles que colocam como modelo único e perfeito o Cristo, portanto somente aqueles que têm uma experiência cristã de Deus podem entender o significado de viver este chamado, de alcançar a salvação e de compreender que o ser da Igreja é o lugar para a experiência de Deus.

Contudo, como foi visto no decorrer do presente trabalho, a Igreja não tem somente a missão de estar inserida no mundo. O mandato de Cristo envolve saída, ou seja, agir. Deste modo, a constituição pastoral *Gaudium et Spes* afirma que a Igreja deve dar respostas aos questionamentos do mundo e dos seres humanos à luz do Evangelho. Os cristãos e cristãs serão auxiliados, graças ao Espírito Santo que guiará e iluminará os passos da Igreja.

A Igreja não pode se abster de iluminar a vida dos homens frente aos problemas hodiernos, ela precisa mostrar que a mensagem de Cristo se atualiza. Portanto, aqueles que fazem parte da Igreja como Povo de Deus, irão agir no mundo, e o agir cristão é decorrência da vivência da fé.

O anúncio que a Igreja faz ao mundo atual é a fidelidade à mensagem de Cristo, frente a tantas correntes contrárias ao Evangelho ou até mesmo a Deus. A missão da Igreja é dar continuidade ao anúncio de Cristo, não se trata de criar uma mensagem ou se auto anunciar, mas sim de continuar o mandato de Cristo. Portanto, ao agir no mundo, a Igreja possibilita aos fiéis e até mesmo aos que não creem, a experiência cristã de Deus, por meio do seu testemunho e do testemunho de seus fiéis.

A Igreja, graças ao Espírito Santo, é sacramento, sinal visível da graça invisível, indicando-a como lugar da experiência de Deus, respondendo a problemática proposta do presente trabalho e alcançando o objetivo geral por meio dos objetivos específicos, percebe-se que há um movimento em crescimento na atualidade, “os desigrejados”, que não vê a necessidade da Igreja, é uma indicação para um futuro trabalho uma pesquisa que responda em todos os campos sobre a importância da Igreja, não somente em relação a experiência de Deus, mas em todas as dimensões da Igreja, abrangendo até mesmo outros documentos do concílio Vaticano II.

Ainda sobre a temática do trabalho, a Igreja é lugar da experiência cristã de Deus. Ela não é somente uma instituição social, que inserida no mundo deve agir em prol dos mais necessitados, ou até mesmo somente espiritualista deixando de dar respostas as angústias do mundo e o auxílio aos pobres. Deve haver um elo entre a instituição e a espiritualidade, a Igreja deve se preocupar com a dimensão espiritual, buscando a conversão da vida para se assemelhar a Cristo, bem como agir no mundo

como instituição através de atos e respostas para as problemáticas do mundo hodierno.

A Igreja é lugar da experiência de Deus. Não é algo distante, mas próximo e acessível aos fiéis, porque está fundada no seguimento e na vivência da fé no Cristo. A missão da Igreja é dar continuidade ao chamado do Senhor e possibilitar a todos os seus membros a vivência desse chamado, além de não deixar cair no esquecimento a centralidade da experiência de Deus no seu próprio seio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antonio J. **Lumen Gentium**: A transição necessária. São Paulo: Paulus, 2005.

BERNARD, Charles A. **Introdução à teologia espiritual**. 3. ed. São Paulo: Loyola. 2014.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara L. Deus: experiência histórica e rosto humano – Alguns elementos sobre a questão de Deus no Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio L.; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org.). **Concílio Vaticano II**: Análise e prospectivas. 2. ed. São Paulo: Paulinas 2014. p. 187-205.

BOFF, Clodovis. **Comunidade eclesial – comunidade política**. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **Experiência de Deus e outros escritos de espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2017.

BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus**: a transparência de todas as coisas. Petrópolis: Vozes, 2011.

CALIMAN, Cleto. A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja no Brasil. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio L.; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org.). **Concílio Vaticano II**: Análise e prospectivas. 2. ed. São Paulo: Paulinas 2014. p. 230-248.

CAVACA, Osmar. A Igreja, povo de Deus em comunhão. In: ALMEIDA João C. et al. (Org.). **As janelas do Vaticano II**: a Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida: Santuário, 2013. p. 101-136.

COMBLIN, José. A mensagem da *Lumen Gentium*, capítulos 1 e 2. **Vida Pastoral**, São Paulo, v. 45, n. 236, maio-jun. 2004.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: 23. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. CNBB: Brasília, 2008.

FELLER, Vitor G. Do poder à quênose – a Igreja da *Gaudium et Spes*. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, ano 20, n. 3, p. 5-23, 2005.

_____. Lumen Gentium: pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, ano 28, n. 1, p. 29-50, 2013.

FORTE, Bruno. **A Igreja ícone da Trindade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. A experiência de Deus em Jesus Cristo. **Concilium**, Petrópolis, 258, 1995/2, p. 70-79.

GELABERT, Martín. Experiência. In: PIKAZA, Xavier; SILANES, Nereo (Trad.). **Dicionário Teológico**: o Deus cristão. São Paulo: Paulus, 1998. p. 334-339.

GOMES, Eliete. **Das lições que a vida ensina**. Aparecida: Santuário, 2017.

GOMES, Rogério. **Em busca de um caminho interior**. Aparecida: Santuário, 2017.

GUERRA, Augusto. Experiência Cristã. In: FIORES Stefano; GOFFI, Tullo (Org.). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 388-393.

HACKMANN, Geraldo Luiz B. **A Amada Igreja de Jesus Cristo**: manual de eclesiologia como comunhão orgânica. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

_____. A constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: HACKMANN, G. L. B., AMARAL, M. S. (Org.). **As constituições do Vaticano II**: ontem e hoje. Brasília: CNBB, 2015. p. 237-263. p. cit. 253.

_____. A Igreja da *Lumen Gentium* e a Igreja da *Gaudium et Spes*. **VER. TRIM**, Porto Alegre: v. 35. n. 150. p. 657-676. Dez. 2005.

JUNG MO, Sung. **Experiência de Deus: ilusão ou realidade?**. São Paulo: FTD, 1991.

RAHNER, Karl. Escritos de teologia. Madri: Taurus, v. VII. 1969.

KEHL, Medard. **A Igreja uma eclesiologia católica**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Loyola, 1997.

LABOURDETTE, M. A Vocação universal à santidade. In: BARAÚNA, Guilherme (dir.). **A IGREJA DO VATICANO II**. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 1057-1068.

LIBÂNIO, João B. **Concílio Vaticano II**: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.

LIMA VAZ, Henrique. A experiência de Deus. In: BETTO, Frei. et al. **Experimentar Deus hoje**. Petrópolis: Vozes, 1974.

MANZATTO, Antônio. Fundamentos teológicos da *Gaudium et Spes*. **Revista de Cultura Teológica**: PUC/SP, São Paulo, v. 17, n. 68. Jul/Dez 2009.

MANZINI, Rosana. Igreja em Diálogo com o mundo moderno: *Gaudium et Spes*. In: ALMEIDA, João C. et al. (org.). **As janelas do Vaticano II**: a Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida: Santuário, 2013. p. 211-240.

MIRANDA, Mario de França. Igreja e sociedade: da *Gaudium et Spes* a nossos dias. In: FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). **Gaudium et Spes em questão**: reflexões bíblicas, teológicas e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 169-180.

MOOY, Suitberto. **Atualização da Igreja**: comentário sobre a constituição “*Gaudium et Spes*”. Belo Horizonte: Promoção-da-Família, 1970.

MÜHLEN, Heribert. **Fé Cristã Renovada**. São Paulo: Loyola, 1980.

OLIVEIRA, Ionilton L. A vocação cristã na *Gaudium et Spes*. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, ano 20, n. 3, p. 25-39, 2005.

PHILIPS, Mons. **A Igreja e seu mistério no II Concílio Vaticano**. São Paulo: Herder, 1968.

VELASCO, Rufino. **A Igreja de Jesus**: processo histórico da consciência eclesial. Trad. Nancy B. Faria. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILANES, Nereo. Igreja da Trindade. In: PIKAZA, Xavier; SILANES, Nereo (Trad.). **Dicionário Teológico**: o Deus cristão. São Paulo: Paulus, 1998. . p. 420 - 441.

SOBRINO, Jon. **Espiritualidade da libertação**: estrutura e conteúdo. São Paulo: Loyola, 1992.

TEPEDINO, Ana Maria. A antropologia da *Gaudium et Spes*: uma abordagem a partir da prática pastoral. In: AGOSTINI, Frei Nilo (org.). **Revelação e História**: uma abordagem a partir da *Gaudium et Spes* e da *Dei Verbum*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 173-184.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola. 2001.

VELASCO, Juan M. Religião, religiões. In: PIKAZA, Xavier; SILANES, Nereo (Trad.). **Dicionário Teológico**: o Deus cristão. São Paulo: Paulus, 1998. p. 792-798.

ZANON, Darlei. **Para ler o concílio vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2012.